



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

AUBÉRICO CARDOSO RODRIGUES

REVITALIZAÇÃO URBANA: PROPOSTA PARA A PRAÇA BARÃO DO RIO BRANCO

MACAPÁ- AP
2018

AUBÉRICO CARDOSO RODRIGUES

**REVITALIZAÇÃO URBANA: PROPOSTA PARA A PRAÇA BARÃO
DO RIO BRANCO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

orientadora: Prof^a. Msc. Patrícia Helena Turola Takamatsu

MACAPÁ - AP

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Elaborado por Mara Patrícia Corrêa Garcia CRB-2/1248

711.5

R696r Rodrigues, Aubérico Cardoso

Revitalização urbana: proposta para a Praça Barão do Rio Branco /
Aubérico Cardoso Rodrigues ; orientadora, Patrícia Helena Turola
Takamatsu. - Macapá, 2018.

78 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Fundação
Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Arquitetura
e Urbanismo.

1. Planejamento urbano. 2. Praça Barão do Rio Branco – Macapá
(AP). 3. Espaços públicos – Macapá (AP). 4. Revitalização urbana. I.
Takamatsu, Patrícia Helena Turola, orientadora. II. Fundação
Universidade Federal do Amapá. III. Título.

AUBÉRICO CARDOSO RODRIGUES

**REVITALIZAÇÃO URBANA: PROPOSTA PARA A PRAÇA BARÃO DO
RIO BRANCO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

orientadora: Prof^a. Msc. Patrícia Helena Turola Takamatsu

Banca Examinadora:

Prof^a. Msc. Patrícia Helena Turola Takamatsu
Orientadora - UNIFAP

Prof. Msc. Mario Luiz Barata Junior - UNIFAP

Prof^a. Msc. Marcele Vilar da Silva - UNIFAP

Apresentado em: _01_/_03_/_2018__

Conceito: _8.75_____

MACAPÁ - AP
2018

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar ao meu lado nesta caminhada e me proporcionar a oportunidade de concluir esse curso de graduação em meio a tantas dificuldades. A minha família e minha filha Valéria Rodrigues pelo amor e carinho nas horas difíceis, assim me fazendo prosseguir. Ao meu amigo Manoel Cunha pela sua verdadeira amizade e há você minha amiga de todos os dias Micheli Lima por estar sempre ao meu lado.

A professora Patrícia Helena Turola Takamatsu por não medir esforços para me orientar, com muita atenção e carinho, pela oportunidade de desenvolver este trabalho Sob sua orientação.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo propor um projeto de revitalização para a Praça Barão do Rio Branco, localizada no bairro Central da cidade de Macapá. Para alcançar este objetivo, fez-se um estudo teórico sobre o tema revitalização, buscando também investigar algumas referências projetuais em escala mundial, nacional e com o intuito de buscar tecnologia construtiva, novos materiais e conhecimento técnico específicos para implantar no projeto de revitalização da praça. Também foi realizado estudo sobre a situação atual do entorno imediato, utilizando o método de pesquisa, predominantemente qualitativo na análise urbana e seu entorno para o reconhecimento dos problemas urbanos existentes no local, e para a identificação de aspectos psíquicos dos usuários com relação ao ambiente em estudo. Neste contexto, são feitos levantamentos *in loco*, em contato direto com o objeto de estudo, interagindo-se com os indivíduos que utilizam o local, aplicando-se entrevistas para entender quais as reais necessidades dos usuários a fim de criar soluções que propiciem este ambiente aos usos desenvolvidos no local, e qualificando-o e preservando as atividades positivas do cotidiano ali existente; implantando atividades que são necessárias na contemporaneidade como, playground e academia ao ar livre. Munido destes conhecimentos tem se como objetivo propor o referido projeto de revitalização. Trata-se de uma praça inserida no centro antigo da cidade Macapá, onde está localizada a área comercial e edifícios históricos. Conclui-se com as informações coletadas em campo que o programa de necessidades existente contempla apenas as atividades (contemplação e esportiva) e está desatualizado em relação as necessidades da vida contemporânea, pois, não contempla o público infantil, também não possui equipamentos para exercício físicos ao ar livre, diminuindo assim o número de frequentadores e inclusive distanciamento da educação cultural, inexistência de elementos que possibilitem o acesso universal a todos; fatores que evidenciam a necessidade de um projeto para readequação do espaço observando as necessidades atuais da modernidade com base nos requisitos presentes na NBR 9050/2015 (Norma de Acessibilidade Universal) da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

Palavras-chaves: Praça Barão do Rio Branco - Macapá (AP), Espaço Público, Revitalização Urbana, Projeto Urbano.

ABSTRACT

This work aims to propose a revitalization project for the Barão Square of Rio Branco, located in the central district of the city of Macapá. In order to achieve this objective, a theoretical study was carried out on the subject of revitalization, also seeking to investigate some design references on a world scale, national level and with the purpose of seeking constructive technology and new materials and specific technical knowledge to implant in the revitalization project of square. A study was also carried out on the current situation of the immediate surroundings and the square, the research method, predominantly qualitative in the urban analysis of the said square and its surroundings, is used for the recognition of the urban problems existing in the place, and for the identification of aspects psychics of the users in relation to the study environment. In this context, surveys are carried out in loco, in direct contact with the object of study, interacting with the individuals who use the Barão Square of Rio Branco and applying interviews to understand the real needs of users in order to create solutions that propitiate this environment to the uses developed in the place, and qualifying it and preserving the positive activities of the existent existing there, and implanting activities that are necessary in the contemporaneity like playground and gym in the open air. Armed with this knowledge, the aim is to propose this revitalization project. It is a central square located in the old center of the city Macapá, where is located the commercial area and historical buildings of the city. It is concluded with the information collected in the field that the existing needs program only contemplates activities (contemplation and sportive) and is outdated in relation to the needs of contemporary life, since it does not contemplate the children's public, it also does not have physical exercise equipment in the open air, contributing to the reduction of the number of visitors and even distancing cultural education, lack of elements that allow universal access to all its patrons; factors that demonstrate the need for a project to adapt the square observing the current needs of modernity and based on the requirements of NBR 9050/2015 (Universal Accessibility Standard) of ABNT (Brazilian Association of Technical Standards).

Keywords: Barão do Rio Branco Square - Macapá (AP), Public Space, Urban Revitalization, Urban Projec

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- usos e atividades dos setores urbanos da área em estudo.....	45
Quadro 02- intensidade de ocupação.....	45

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Mapa de localização da praça Barão do Rio Branco.....	07
Figura 02 - Imagem de satélite da orla de Macapá, retângulo em vermelho corresponde localização da praça do Barão, geradora da malha reticulada urbana do bairro central.....	08
Figura 03 - Planta baixa, da praça Barão do Rio Branco.....	09
Figura 04 - Setor contemplação e esporte, da praça Barão do Rio Branco.....	09
Figura 05 - Fotos do setor de contemplação lado norte da praça Barão do Rio Branco.....	09
Figura 06 - Fotos setor setor esportivo lado sul da praça Barão do Rio Branco.....	10
Figura 07 - Paisagem Rural é representada como tema central da obra Albrecht Dürer. A casa do lago, 1496 (Albrecht Dürer)	21
Figura 08 - Planta da Vila de São José do Macapá com destaque no quadrado preto a atual localização da Praça Barão do Rio Branco.....	28
Figura 09- Conjuntos residenciais cujas casas, construídas pelo Governo territorial, serviriam de residência aos diretores de serviços, demais funcionários e operários do território.....	30
Figura 10 - Imagem aérea de 1950, com destaque no quadrado preto a atual localização da Praça do Barão do Rio Branco.....	31
Figura 11 – Vista de fotografia (do norte para o sul) da praça do Barão, data aproximada 1950.....	32
Figura 12 - Implantação Praça da Balsa Vieja, retângulo na cor verde.....	35
Figura 13 - Praça da Balsa Vieja.....	36
Figura 14 - Planta geral Praça da Balsa Vieja.....	36
Figura 15 - Diagramas Praça da Balsa Vieja.....	37
Figura 16 - Implantação do projeto escritório HUS- Arquitetura.....	38
Figura 17 - Setorização do projeto.....	39
Figura 18 - Fluxos e acessos.....	40
Figura 19 - Permeabilidade do solo.....	40
Figura 20 - Balanço Hídrico Normal Mensal do Município de Macapá – AP.....	43
Figura 21 – Estudo de insolação e ventilação na área.....	43

Figura 22 – Eixos de Atividades, Setores Urbanos e de Transição Urbana da Cidade de Macapá. A área destacada na cor preta corresponde à área de estudo.....	44
Figura 23 - Mapa de Ruas Restritivas do Entorno de Tombamento da Fortaleza de São José de Macapá.....	47
Figura 24 - Sistema Viário no Entorno da Praça Barão do Rio Branco.....	48
Figura 25 - Fluxo Viário no Entorno da Praça Barão do Rio Branco.....	49
Figura 26 - Condições das Calçadas.....	50
Figura 27 – calçada estado bom e acessível.....	51
Figura 28 – calçada em estado regular de conservação.....	51
Figura 29 – calçada em estado de conservação ruim.....	52
Figura 30 - Mobiliário Urbano no Entorno da praça do barão, Macapá.....	52
Figura 31 - ponto de ônibus localizado no setor sul da praça na rua São José.....	53
Figura 32 - banco em concreto na praça Barão do Rio Branco.....	53
Figura 33 - telefones públicos praça Barão do Rio Branco.....	54
Figura 34 - rede aérea de energia elétrica em posteamento no entorno da praça do Barão do Rio Branco.....	54
Figura 35 - lixeiras públicas e residenciais, entorno da praça Barão do Rio Branco.....	54
Figura 36 – Arborização das vias da área de estudo.....	56
Figura 37 – Arborização da praça e entorno imediato.....	56
Figura 38 – Arborização entorno imediato.....	57
Figura 39 –arborização interna setor norte.....	57
Figura 40 – Setor esportivo, carente de arborização.....	57
Figura 41 – Setor contemplativo lado oeste 1.50 m de elevação.....	58
Figura 42 – Mapa de Uso e Ocupação do entorno da Praça do Rio Branco.....	59
Figura 43 - Imagem de Satélite, em vermelho praça Barão do Rio Branco.....	60
Figura 44 - Mapa de Gabarito do entorno da Praça do Rio Branco.....	61
Figura 45 - Gabarito em 3D do entorno da praça Barão do Rio Branco.....	61
Figura 46 - Uso intenso junto a parada de ônibus e pontos de moto táxi.....	62
Figura 47 - Quiosque de comidas típicas virado para rua na praça do Barão.....	63
Figura 48 - grama São Carlos.....	66
Figura 49 - grama amendoim.....	66
Figura 50 - onze horas.....	66
Figura 51 - ixora.....	66
Figura 52 - duranta.....	66

Figura 53- alamanda.....	66
Figura 54- ipomeia rubra.....	66
Figura 55- mangueira.....	67
Figura 56- oitizeiro.....	67
Figura 57- morcegueira.....	67
Figura 58- chuva de ouro.....	67
Figura 59- ipê amarelo.....	67
Figura 60- ipê roxo.....	67
Figura 61- saboneteira.....	67
Figura 62- açazeiro.....	67
Figura 63- ipê de jardim.....	67
Figura 64- pata de vaca.....	67
Figura 65- placas cimentícias permeáveis.....	68
Figura 66- grafismos indígenas Maraca e Cunani.....	68
Figura 67 – Estudos iniciais de manchas setorização.....	69
Figura 68 – Croqui inicial de setorização dos equipamentos.....	69
Figura 69 – Croqui de setorização intermediário dos equipamentos.....	70
Figura 70 – Setorização da proposta de revitalização da Praça Barão do Rio Branco.....	71
Figura 71 – Fluxos e acessos da proposta de revitalização da praça Barão do Rio Branco.....	72
Figura 72 – Permeabilização do solo da proposta de revitalização da praça Barão do Rio Branco.....	73

LISTA DE SIGLA

AP - Amapá

NBR - Norma brasileira regulamentadora

ABNT - Associação brasileira de normas técnicas

FAB - Força aérea brasileira

CEA - Companhia de eletricidade do Amapá

PDU - Plano de desenvolvimento urbano

FJP - Fundação João Pinheiro

ICOMI - Indústria e comércio de minérios

EMDESUR - Empresa Municipal de Desenvolvimento e Urbanização de Macapá

UV - Ultravioleta

IPHAN - Instituto do patrimônio histórico e arquitetônico

CAESA - Companhia de água e esgoto do Amapá

IBAMA - Instituto brasileiro e meio ambiente

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

INMET – Instituto Nacional de Meteorologia

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PMM - Prefeitura Municipal de Macapá

BEF - Batalhão Especial de Fronteira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
I.REFERENCIAL TEÓRICO	16
1.1. A REVITALIZAÇÃO URBANA CONCEITO E SIGNIFICADO.....	16
1.2. A REQUALIFICAÇÃO URBANA CONCEITO E SIGNIFICADO	19
1.3. PAISAGEM: CONTESTO DA INSERÇÃO PARA A REVITALIZAÇÃO.....	20
1.4. PAISAGEM: ABORDAGEM CONTEMPORÂNEA PARA AS PRAÇAS.....	22
1.5. PRAÇAS: LEITURA COMO ESPAÇOS PÚBLICOS E ÁREAS LIVRES.....	23
1.6. PRAÇAS BRASILEIRAS: INFORMAÇÕES.....	26
1.7. ASPECTOS HISTÓRICOS DA OCUPAÇÃO URBANA DE MACAPÁ.....	27
II. REFERÊNCIAS PROJETUAIS	34
2.1. PRAÇA DA Balsa VIEJA.....	34
2.2. ESCALA NACIONAL.....	37
2.3. CONSIDERAÇÕES DOS ESTUDOS DE REFERÊNCIA.....	40
III.ANALISE URBANA E AMBIENTAL DA PRAÇA BARÃO DO RIO BRANCO E SEU ESTORNO IMEDIATO	42
3.1. ASPECTOS CLIMÁTICOS.....	42
3.2. CONDICIONANTES LEGAIS.....	44
3.3. ASPECTOS MORFOLÓGICOS FUNCIONAIS.....	48
3.3.1. Sistema viário e estrutura regional de mobilidade	48
3.3.2. Calçadas e mobiliário urbano	50
3.3.3. Arborização	55
3.3.4. Usos e gabarito	58
IV. PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO URBANA DA PRAÇA	64
4.1. ASPECTOS GERAIS.....	64
4.2. PROGRAMA DE NECESSIDADES.....	65
4.3. ESTUDO DE MANCHAS.....	68
4.4. DESCRIÇÃO DAS SOLUÇÕES PROPOSTAS.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
APÊNDICE	I
APÊNDICE A - PLANTA DE DEMOLIÇÃO/CONSTRUÇÃO.....	II
APÊNDICE B - IMPLANTAÇÃO GERAL DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO...III	III

APÊNDICE C - PAISAGISMO E LAYOUT DA ILUMINAÇÃO.....	IV
APÊNDICE D – PAGINAÇÃO DO PISO E FORAÇÃO.....	V
APÊNDICE E – PLANTA DE SINALIZAÇÃO.....	VI
APÊNDICE F – CONSTRUÇÕES COMPLEMENTARES.....	VII
APÊNDICE G – BRINQUEDOS DO PLAYGROUND.....	VIII
APÊNDICE H – BRINQUEDOS E MOBILIÁRIO GERAL.....	IX

INTRODUÇÃO

Este trabalho abordará como objeto de pesquisa e objeto de projeto o tema voltado a Revitalização Urbana da Praça Barão do Rio Branco que é um dos mais importantes logradouros públicos e cartão postal da cidade de Macapá, possuindo uma localização bastante privilegiada (centro da Cidade) sendo detentora de grande importância histórica e cultural.

A praça conhecida popularmente como “Praça do Barão”, desde o início da ocupação da cidade, que era nos primórdios chamada de Vila de São José de Macapá, apresentava uma área aberta (o Largo de São João) que já chamava bastante atenção, destinadas a reuniões religiosas, políticas e encontros sociais.

O lugar em estudo demonstrado na figura 01, está situado na cidade de Macapá, capital do Estado do Amapá, na região Norte do Brasil. A cidade localiza-se à latitude $00^{\circ} 02' 18.84''$ N e longitude $51^{\circ} 03' 59.10''$, sendo a única capital brasileira localizada na linha do equador.

Figura 01 – Mapa de localização da praça Barão do Rio Branco



Fonte: Sampaio, modificado pelo autor, 2017

A Praça Barão do Rio Branco figura 02, trata-se de um recorte que compreende uma pequena parcela do Bairro Central que está localizada, na região

conhecida como, centro histórico de Macapá, onde estão localizados os principais monumentos da mais alta relevância histórica para a cultura, turismo e história da cidade de Macapá destaca-se a Fortaleza de São José, a igreja de São José, o prédio da Intendência, escola Barão do Rio Branco, Cine Territorial, casa do governador, prédio dos Correios, Trapiche Eliezer Levi, o Mercado Central, o prédio do Fórum, Macapá Hotel, Teatro das Bacabeiras, instituições públicas e privadas, Praças Veiga Cabral e praça Beira Rio

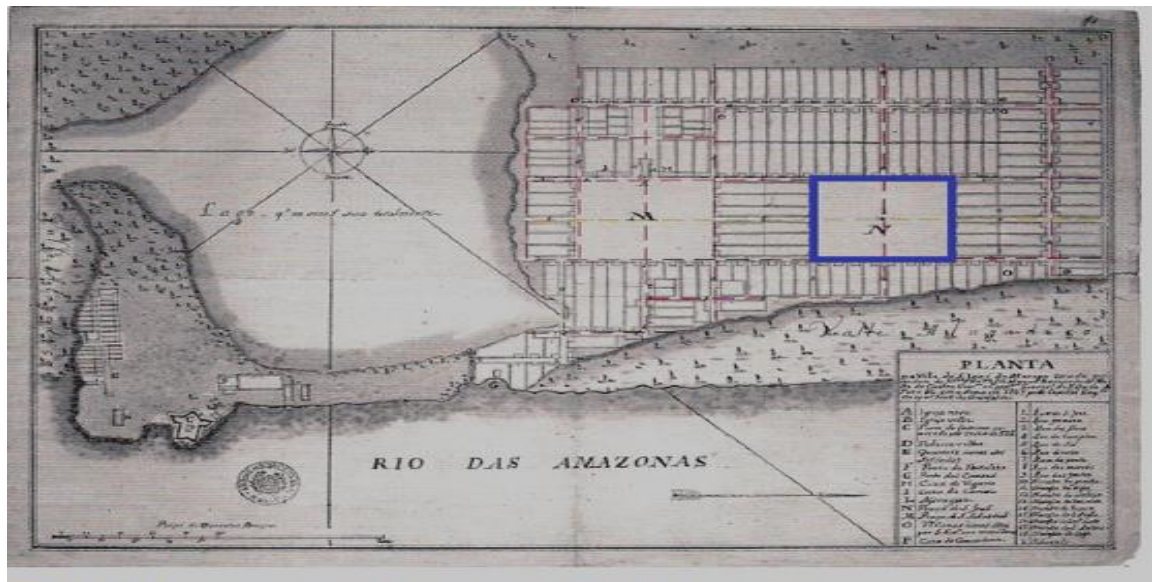
Figura 02- imagem de satélite da orla de Macapá, retângulo em vermelho corresponde localização da praça do Barão, geradora da malha reticulada urbana do bairro central.



Fonte: Google Maps 2017, modificado pelo autor.

O bairro central - núcleo mais antigo da cidade - possui malha urbana regular também observado na figura, 02 com ruas paralelas e avenidas transversais ao rio Amazonas, as quais se desenvolveram a partir da concepção inicial do traçado urbano colonial figura 03, construído durante a ocupação portuguesa no século XVIII. Pode-se constatar em planta o traçado reticulado da qual a praça nos primórdios da vila de Macapá foi o elemento gerador.

Figura 03- mapa de 1758, em azul local que deu origem a praça Barão do Rio Branco



ESPAÇO ABERTO 1758, ATUAL PRAÇA DO BARÃO

Fonte: IPHAN, 2009

Apesar de esse traçado urbano ter sofrido adaptações e alterações com o passar do tempo, percebe-se que parte da malha de tipologia colonial ainda se evidencia visivelmente através da localização das construções mais antigas e importantes da cidade na época, que a partir dele a cidade foi sendo erguida.

Na década de 1950 a praça Barão do Rio Branco foi dividida, em dois setores norte e sul pela Av. Iracema Carvão Nunes, o lado Norte da praça é arborizada figura 04 e figura 05.

Figura 04- setor contemplação e esporte, da praça na atualidade



Fonte: IPHAN, 2009

Mas cria apenas um espaço contemplativo, o traçado dos caminhos originais é orgânico (talvez por respeitar a topografia), mas confuso nos fluxos dos pedestres.

Figura 05- fotos do setor contemplação lado norte da praça Barão do Rio Branco



Fonte: autor 2017

Já no setor esportivo localizado no lado Sul da praça figura 06, durante o dia e´ pouco movimentado devido à falta de vegetação para proteger do calor excessivo, atende a público específico pois é ocupado apenas por quadras e campos de futebol.

Figura 06- fotos setor esportivo lado sul da praça Barão do Rio Branco



Fonte: autor 2017

O problema central que norteia o desenvolvimento desta pesquisa é como se deve realizar a revitalização da Praça Barão do Rio Branco, dando destaque a ela como uma praça central e histórica, com a inclusão de equipamentos inexistentes como: playground, equipamentos para exercício e acessibilidade, buscando contribuir para aumentar a presença de pessoas na praça e dando luz ao esquecimento do poder público que vem sofrendo.

Para resgatar a importância da Praça, inicialmente buscou-se conhecer a sua origem através de pesquisa histórica em livros, artigos e teses, resgatando seu valor histórico para a cidade de Macapá, pesquisa essa verificada no item 1.7 deste trabalho e munido desse conhecimento propor um projeto de revitalização para a referida praça, visando implantar elementos que resgatem a importância deste espaço, como um espaço atrativo potencializado positivamente, atualizando suas funções para a cidade de Macapá e aguçando a percepção ambiental dos usuários e moradores do entorno imediato. Assim, é objetivo proposto o desenvolvimento de projeto de revitalização para um espaço público que atenda às demandas funcionais

e, sobretudo, que possibilitem a ampliação da qualidade de vida coletiva e da humanização da cidade de Macapá.

Assim como objetivos específicos para contemplar o objetivo geral, algumas frentes de atuação precisam ser seguidas:

1. Estudar o Plano Diretor(2011), da cidade de Macapá;
2. Levantar a história da formação espacial do bairro central e da Praça Barão do Rio Branco e sua importância como elemento gerador do traçado urbano da cidade de Macapá;
3. Analisar os equipamentos urbanos e elementos urbanos paisagísticos e verificar se estão de acordo com as legislações;

Assim, como justificativa para este trabalho, como no caso da Praça do Barão, em algumas praças públicas a estrutura original já não atende de forma satisfatória as necessidades da sociedade atual e esses fatos não são diferentes para o caso de Macapá. O contínuo crescimento das cidades é um dos fatores que tem aumentado a demanda por espaços livres públicos que tem vital importância nos meios urbanos. Essa importância fica ainda mais evidente, quando os espaços livres estão localizados nos centros urbanos onde a ocupação do solo é caracterizada por maciços edificados de grande altura e malha viária complexa abrigando um grande contingente de usuários. Mesmo assim algumas praças públicas são subutilizadas indicando a necessidade de um projeto para revitalização destes espaços abertos para que seja possível atender aos usuários em termos de lazer contemplativo, espaços livres para exercícios, parque infantil, acessibilidade, equipamentos e segurança, transmitindo aos frequentadores as mais variadas sensações inclusive as de identidade, pertencimento, e de liberdade, ou seja valores urbanos fundamentais.

A Praça Barão do Rio Branco, por ser um espaço que teve sua origem antes da elevação do povoado de Macapá a categoria de vila (1758), carrega valores históricos, regionais, locais e culturais que necessitam ser avaliados quanto seu reconhecimento e serem destacados na sua contribuição para a formação da malha urbana da cidade de Macapá, também como testemunhos dos vários acontecimentos ocorridos desde sua criação.

A situação observada na Praça é de que o programa de necessidades existente contempla apenas as atividades contemplação e esportiva, está desatualizado em relação as necessidades da vida contemporânea, pois, não contempla o público infantil, também não possui equipamentos para exercido físicos ao ar livre, contribuindo para a diminuição do número de frequentadores e inclusive distanciamento da educação cultural, inexistência de elementos que possibilitem o acesso universal a todos os seus frequentadores; fatores que evidenciam a necessidade de um projeto para readequação da praça observando as necessidades atuais da modernidade e com base nos quesitos presentes na NBR 9050/2015 (Norma de Acessibilidade Universal) da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

Por fim, metodologicamente o trabalho aborda uma pesquisa de uma praça localizada no bairro central da cidade de Macapá que se encontra degradada, e defasada em relação a usos específicos da contemporaneidade, oferecendo poucos atrativos para a população buscando reconhece-la e caracterizá-la ambientalmente e socialmente, a fim de fundamentar uma proposta de revitalização urbana que solucione problemas funcionais, ambientais e de infraestrutura presentes no local. Sendo o objeto de estudo uma praça urbana com poucos usos e muitas carências, a pesquisa inicia-se por um reconhecimento teórico. Assim, se abordará em termos de referências de revisão de literatura os aspectos dos conceitos de revitalização, requalificação, praça, paisagismo, espaço livre, paisagem urbana e espaço público.

Em seguida há um breve histórica da evolução urbana da cidade Macapá, com o intuito de entender os principais processos que influenciaram até chegar o panorama atual.

Mediante a apropriação dos fundamentos teóricos abordados, entende-se que o espaço público deve conter usos variados e ter características que: promovam seu uso e apropriação tanto pelos usuários mais frequentes quanto pelos visitantes ocasionais; proporcionem permeabilidade e integração aos espaços adjacentes; e que promovam movimento e vigilância passiva contribuindo para a segurança pública, além de ser acessível e com mobilidade facilitada para o uso de todos. Busca-se aplicar estas teorias na idealização do projeto de revitalização urbana.

Posteriormente, há apresentação de projetos referenciais, de forma também teórica, elucidando intervenções bem-sucedidas com relação ao tema. Que também servirá de norteador para a proposta de revitalização seja através de elementos pontuais, tais como materiais ou técnicas construtivas, seja pelo seu contexto de aplicação, por exemplo.

Será usado o método, qualitativo para a metodologia de estudo de caso para levantamento da importância da praça, e a sua relação com o entorno imediato e a cidade de Macapá. Também será, complementado com alguns dados quantitativos que colaborem para uma formação intuitiva de uma interpretação dos fenômenos a serem analisados.

Optou pela obtenção de dados descritivos por meio do contato direto com a área de estudo e com os atores da sociedade naquele ambiente, para o entendimento da percepção destes indivíduos com relação ao espaço estudado e com isso desenvolver uma interpretação dos problemas e diagnosticar a situação local.

A escolha por esta metodologia de pesquisa adequa-se ao tipo de análise em que o trabalho está fundamentado, pois, busca considerar aspectos dos âmbitos sociais, ambientais, urbanos e culturais, contribuindo para a compreensão dos valores e características. A pesquisa complementa-se com alguns dados oficiais obtidos dos órgãos públicos federais, estaduais, municipais e locais, os quais também são essenciais para a formação de um diagnóstico mais próximo da realidade.

Dessa forma, conforme abordado por Lamas (2000), os aspectos quantitativos do meio urbano são os aspectos da realidade urbana que podem ser quantificáveis, como, densidades, superfícies, equipamentos, entre outros, sendo utilizados para levantar o espaço físico da praça e entorno imediato.

Como ferramentas metodológicas utilizou-se: de pesquisas de campo, visitas *in loco* não foram utilizados questionários, as visitas tem intuito de qualificar a estrutura existente e de analisar as relações e vínculos que estão estabelecidos entre os usuários e a praça.

Durante as visitas *in loco*, buscou-se aplicar a metodologia de desenho urbano, fazendo anotações sobre a morfologia do ambiente e sobre a dinâmica comportamental dos usuários analisada através de observações *in loco*.

Identificou-se a dinâmica comportamental das pessoas no local em estudo através de visitas realizadas nos dias da primeira semana do mês de outubro de 2017 nos horários entre 08h00min e 12h00min e entre 17h00min e 19h00min, analisando em cada dia o comportamento dos usuários e transeuntes para detectar , os setores menos frequentados e mais movimentados, identificando também as atitudes mais frequentes sendo elas positivas, negativas ou neutras e as dificuldades dos usuários com relação à estruturas e usos da praça tais como , conforto ambiental ,falta de novos equipamentos para atrair frequentadores e outros problemas que afetam a mobilidade, a acessibilidade e os usos em geral.

Para fins de organização do trabalho proposto, tem -se como estrutura no primeiro capítulo apresentasse as questões relacionadas ao motivo da escolha do tema da monografia, as problemáticas dos espaços livres na contemporaneidade e sua desatualizações, os objetivos a serem alcançados como também a metodologia a ser aplicada

No segundo capítulo torna-se essencial apresentar referenciais teóricos de autores, que dêem subsídios sobre conceitos de Revitalização Urbana, Requalificação Urbana, paisagem, Espaço Livre Público e projeto urbano, também será apresentado um breve histórico na dinâmica dentro do contexto amazônico, aspectos históricos da ocupação urbana de Macapá, considerações sobre o planejamento urbano e, por último, urbanização.

No terceiro capítulo, serão apresentadas duas importantes referencias projetuais, para se verificar os pontos positivos sejam eles formais e/ou funcionais, como forma de auxiliar a proposta de requalificação urbana. E na concepção projetual, em alguns casos apenas os aspectos estéticos, em outros, as características funcionais.

No quarto capítulo é feita a análise urbana e a análise ambiental para assim verificar sua atual condição física e funcional e também seus aspectos climáticos da direção dos ventos predominantes e insolação.

No quinto e último capítulo é reservado para a proposta de revitalização da praça desenvolvendo mediante o arcabouço teórico analisados nos capítulos anteriores munido deste conhecimento construir o projeto que será implantado, desenvolvido mediante conhecimento do programa de necessidades e setorização dos ambientes.

I. REFERENCIAL TEÓRICO

Com objetivo de facilitar o entendimento do tema de pesquisa proposto, neste capítulo são expostas as principais considerações teóricas sobre o estudo. Torna-se essencial apresentar referenciais teóricos de autores, que deem subsídios sobre conceitos de Revitalização Urbana, Requalificação Urbana, paisagem, Espaço Livre Público e projeto urbano, bem como a origem e exemplos de projetos urbanos no Brasil, no mundo e na Região Norte.

Posteriormente será apresentado um breve histórico na dinâmica dentro do contexto amazônico, aspectos históricos da ocupação urbana de Macapá, considerações sobre o planejamento urbano e, por último, urbanização.

1.1. A REVITALIZAÇÃO URBANA: CONCEITO E SIGNIFICADO

Quando se ouve falar em Revitalização, somos imediatamente remetidos a uma ideia de restauração de Patrimônios Históricos Culturais, mas revitalização é um termo muito mais abrangente, trata de um conjunto de ações, a fim de permitir a um determinado espaço nova eficiência, novo sentido em seu uso, visando uma melhoria do espaço e do seu entorno.

Historicamente diversas intervenções têm ocorrido nas áreas centrais das cidades com intuito da melhoria estética o em busca de renovação urbana. Mas essa renovação vem alterando em muito a dinâmica dessas áreas exigindo altos investimentos, e tem como característica principal sobrepor sua função com interesses imobiliários, daí residindo a questão de o governo precisa estar atento à qualidade de vida do cidadão. Assim vem se fortalecendo e cada vez mais sendo utilizado de revitalização urbana.

Nesses últimos anos, tem havido um fenômeno mundial de revalorização das áreas urbanas, levando em conta principalmente, o uso da água, desenvolvimento sustentável, ocupação de áreas vazias, requalificação de espaços, otimização da mobilidade urbana destacando as potencialidades paisagísticas, logísticas e imobiliárias (Grosso, 2008, p. 22).

A palavra “revitalização” provem de “preservação”, do latim praeservar, a qual engloba a salvaguarda de bens culturais, protegidos e identificados (Delphim, 1999). Já de acordo com a Carta de Nairóbi (1976), preservação significa a

identificação, proteção, conservação, restauração, renovação, manutenção e revitalização, ou seja, todas as ações necessárias para salvaguardar os bens culturais.

Revitalização é um termo também bastante empregado quando se fala de intervenção urbana. Entretanto, a paisagem urbana pode sofrer diferentes tipos de intervenções, cada uma com sua característica, e para uma compreensão exata do que é possível infligir à paisagem, objetivando diferentes resultados.

Além da Revitalização Urbana podemos ter também a Renovação Urbana e Gentrificação, conforme mencionado anteriormente. Segundo Vaz e Silveira (1999, p. 55) “a Renovação Urbana se apoia nas ideias do modernismo e a Revitalização Urbana, desencadeado nas últimas décadas em confronto com os excessos do modernismo”.

Já a Gentrificação é o fenômeno que afeta uma região ou bairro pela alteração das dinâmicas da composição do local, tal como novos pontos comerciais ou construção de novos edifícios, valorizando a região, afetando e expulsando a população de baixa renda local. A atividade turística faz com que as populações locais reinventem seu cotidiano, e, nessa reinvenção, a lógica da atividade turística se sobrepõe às tradições locais e à própria identidade dos lugares, impactado por novos valores, novos símbolos, novas referências e expectativas. (FONTELES, 1999, apud SERPA 2009, p115).

O processo de intervenção dos centros urbanos pode ser dividido em três fases, de acordo com Vargas e Castilho (2006, p. 6), essas divisões históricas também definiram o termo, seu uso e significado, algumas ainda usadas até hoje. Para ele o período de Renovação Urbana abrangia apenas o período de 1950 até 1970, apoiado nos ideais do modernismo, principalmente os expressos na carta de Atenas de 1933 prezava pelo novo, destruindo o que considerava antigo ultrapassado, e construindo tudo novo visando uma renovação. (Vaz; Silveira, 1999, p. 52).

No Brasil, a ideia de revitalização se confunde com outras atividades, como a de intervenção, preservação e remodelação, as quais, por sua vez, encontram-se diretamente ligadas a investidores privados, atuando como promotores de reabilitação com a finalidade de reconstruir ou reinventar o ambiente construído.

“Desse modo, pode-se observar que as formas combinadas de revitalizar culminam na (re) construção criando um processo de transformação da realidade cotidiana do indivíduo com relação à cidade, determinando assim a sua subjetividade, pois a relação entre o local e a população só ganha existência real quando está apresentar uma existência espacial” (VARGAS & CASTILHO, 2006. p.33).

Segundo Vaz (2006), o processo de revitalização deverá seguir critérios políticos, funcionais, sociais e ambientais, visando uma intervenção que proporcione nova vitalidade ao local. Para tanto, o autor cita cinco critérios:

- a) Humanização dos espaços coletivos produzidos;
- b) Valorização dos marcos simbólicos e históricos existentes;
- c) Incremento dos usos de lazer;
- d) Preocupação com aspectos ecológicos e
- e) Participação da comunidade na concepção e implantação

Conforme afirma Botelho (2005), o processo de revitalização urbana está cada vez mais ocupando um espaço dinâmico no urbanismo moderno, principalmente com a criação da Carta do Novo Urbanismo, e assim relacionando-se diretamente às várias experiências obtidas através dos trabalhos executados sobre os quais a carta foi elaborada. Desta forma, passando a incorporar a questão cultural em seu exercício.

Isso se deu graças à concepção da Carta do Novo Urbanismo Americano, a qual já apresentava características na América do Sul, principalmente na Venezuela. A carta foi elaborada pelos arquitetos americanos com base na de Atenas, a qual prevê quatro funções básicas: habitação, trabalho, recreação e circulação. Já o novo urbanismo possui premissas que observam cada proposição, buscando enfatizar as necessidades sociais, e a sua diversidade, mesclando atividades como a de circulação, acessibilidade de pedestres, participação democrática, sempre respeitando as expressões culturais do local. Trabalha com as áreas deterioradas, indo desde o centro da cidade até as regiões periféricas, buscando sempre maneiras de reconstruir a diversidade social e seu sentido de lugar e comunidade, na busca por mesclar funções e pessoas à vida pública, de forma a proporcionar um uso mais racional dos recursos (Zanchetil, 2000).

Contudo, Vargas e Castilho (2006, p.53) afirmam que:

“(...) o prefixo “RE” é interpretado como movimento de volta, repetindo assim coisas e ações já existentes, mas de uma nova forma, incluindo assim a estas ações exemplos de 1960, os quais demonstravam tendências à preservação histórica dos lugares. Assim sendo o prefixo “RE” denomina todos os tipos de atividades como revitalização e reabilitação, independentemente de sua terminologia que representa um elenco de metáforas. Desta forma, cabe a cada país adotar seu próprio termo de forma a nomeá-la dentro de seu próprio contexto”

1.2. REQUALIFICAÇÃO URBANA: CONCEITO E SIGNIFICADO

Na atualidade, o conceito de requalificação urbana tem sido objeto de discussão devido a certa confusão que se faz entre esse termo e a expressão revitalização. Entretanto, uma definição importante sobre a requalificação aborda a questão do estado deterioração, principalmente urbana do local a ser intervindo normalmente muito degradado.

Requalificação urbana constitui uma forma de atuação associada à cultura urbana e à capacidade de atração e desenvolvimento sustentável dos territórios, tendo em vista a regeneração dos tecidos físicos e sociais. A requalificação no contexto urbano será, mais do que um processo ou uma forma de atuação, um objetivo, um desejo (ALVES, 2012, p. 62).

Percebesse que a partir desse conceito inicial, entende-se que as cidades do século XXI já se apresentam urbanisticamente configuradas, acompanhando o processo de urbanização segundo a realidade local. Cabe ao urbanista a formulação de estratégias de intervenção nessa cidade, modernizando-a, conferindo-lhe novas qualidades que correspondam a novos desejos sociais. Para esse fim, a requalificação urbana constitui um campo do planejamento local e pode ser apresentada como um ponto de convergência para outras ciências.

Moura (2013) explica que isso é importante à medida que se torna perceptível que as cidades vão tendo degradação progressiva das suas estruturas urbanas, dos seus edifícios, dos seus espaços exteriores. Uma degradação decorrente do envelhecimento próprio, da sobrecarga de usos, ou ainda do desajustamento dos desenhos da sua organização a novos modos de vida. A requalificação urbana deve ser portanto integrada, racionalizando recursos e evitando intervenções dispersas que possam revelar-se contraditórias.

Ribeiro Silva (2011, p. 45) afirma que devido o crescente consumo do espaço e dos recursos disponíveis, verificou-se um aumento da degradação do território, levando à adoção de processos que responsabilizem a população e contribuam para um retrocesso nesta tendência de se adotar a requalificação. A requalificação urbana é considerada como um eixo principal nas intervenções urbanas, e pode possibilitar uma ordenação no tecido físico e social, permitindo (re)criar uma nova estética em função do desenho já existente de uma cidade.

A requalificação engloba uma revitalização das áreas mais antigas das cidades, como os centros históricos, e que se encontram em risco de decadência, de abandono e de degradação. Entretanto, pesa à requalificação urbana não poder concentrar as suas intervenções só para o centro histórico, mas deve abordar também as áreas envolventes a esta e que se encontram sujeitas à ação interventiva do homem, retomando seu caráter de planejamento.

Ferreira, Lucas, e Gato (1999, citado por MOREIRA, 2007, p. 124) consideram que a “requalificação urbana é um processo social e político de intervenção no território que visa essencialmente (re)criar qualidade de vida urbana, através de uma maior equidade nas formas de produção (urbana), de um acentuado equilíbrio no uso e ocupação dos espaços e na própria capacidade criativa e de inovação dos agentes envolvidos nesses processos”.

1.3. PAISAGEM: CONTEXTO DA INSERÇÃO DO CONCEITO PARA A REVITALIZAÇÃO

As questões da paisagem estão diretamente ligas as questões da Revitalização Urbana, uma vez que fazem parte de um sistema inter-relacionado que compõe o tecido de nossa existência. Para entender a Paisagem e sua influência, é necessário aprender a olhar para todos os aspectos do contexto, para pensar e agir holisticamente. Nesse sentido, é que o tópico a seguir fará uma abordagem desse elemento essencial para nosso estudo.

Inicialmente é a partir do Renascimento que o termo paisagem passa a estar ligado à pintura e que a designação de paisagista é atribuída aos Pintores de Paisagem. No entanto, este conteúdo assume maior expressão a partir do século XVII, quando a Paisagem Rural é representada como tema central da obra (Fig.07). Nesse período a Paisagem Rural significa, mais do que o espaço de produção

romano, o espaço de lazer dedicado ao recreio dos que já sentiam a necessidade de fugir ao ambiente cotidiano.

Figura 07 - Paisagem Rural é representada como tema central da obra Albrecht Dürer. A casa do lago, 1496 (Albrecht Dürer)



Fonte: Disponível em: <www.dezenovevinte.net/obras/obras_fet_cvm.htm>. Acesso em Junho, 2017.

Para Cauquelin, (2007, p.114) o uso das perspectivas formaliza a realidade e faz dela uma imagem que será considerada real, é essa perspectiva, invenção histórica datada, que ocupa o lugar de fundação da realidade sensível. Ela instaura uma ordem cultural na qual se instala imperativamente a percepção. No período que vai dos finais do século XV aos primórdios do século XVI, já é possível encontrar trabalhos em que não aparecem figuras humanas nem conteúdo narrativo. É mostrado apenas um entorno que veio a se chamar paisagem. Esses desenhos aparecem primeiro nos trabalhos de Albrecht Dürer, Lucas Cranach e Albrecht Altdorfer.

O ato constante de contemplar a paisagem se constitui numa circunstância da qual o homem não pode se livrar, já que, através da percepção holística, entre outros sentidos, ele toma posse do espaço e do tempo que habita. A paisagem fala de espaço, de um território, e junto disto, vem a contingência do tempo. Tempo que contribui para a construção desse espaço e que proporciona a possibilidade de sua transformação. Portanto, quando se fala de paisagem, não se

fala apenas do gesto humano, do olhar que a constrói. Fala-se do espaço e do tempo. Falando-se então, em revitalizar praças, fala-se de um resgate de sua paisagem, seus espaços, territórios, tempos, percepções e perspectivas, etc.

Assim, “Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas que a vida anima” (SANTOS, 1997, p. 83).

1.4. PAISAGEM: ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS PARA AS PRAÇAS

Na contemporaneidade a paisagem está em constante transformação devido a ação humana e ela possui um conjunto de elementos que mudam de acordo com a evolução da sociedade. “Entende-se que a Paisagem é sempre constituída por uma combinação de “objetos naturais” e “objetos sociais”, ou seja, aqueles fabricados pelo homem” (SANTOS, 2004, p. 53). Já para Santos (1988, p.21) não há, na verdade, paisagem parada, inerte. A paisagem é materialidade, formada por objetos materiais e não-materiais. A vida é sinônimo de relações sociais, e estas não são possíveis sem a materialidade, a qual fixa relações sociais do passado. Logo, a materialidade construída vai ser fonte de relações sociais, que também se dão por intermédio dos objetos. Estes podem ser sujeitos de diferentes relações sociais – uma mesma rua pode servir a funções diferentes em distintos momentos.

As praças são, portanto, tratadas mais especificamente como uma forma de paisagem urbana, seja estas bem vistas pela sociedade ou não, paisagens que com o passar do tempo foram transformadas pela natureza humana, ou mesmo esquecidas.

Estudar a paisagem urbana tem o objetivo de investigar o espaço para buscar os acontecimentos passados vividos para assim construir a identidade deste local e coloca-la no projeto para ser executado no espaço e venha ser objeto de identificação para os moradores, e transmitindo para as novas gerações acontecimentos ou fatos vividos ou fatos vividos neste local. Também considerando aspectos, ambientais, morfológicos, assim como históricos e também sócio econômicos, para que se torne “lugar”, tornando- se, pois, local da identidade da experiência e da segurança psicológica. (MASCARÓ, 2008, p.153)

Por isso, a leitura da paisagem urbana pode ser compreendida como ferramenta de análise e observação, tornando um recurso bastante versátil para coleta de dados, informações e referências, especialmente pela interação que promove entre ser humano e ambiente urbano aguçando e despertando a percepção e a consciência à paisagem pelo ato de atenção ao espaço urbano e às próprias emoções dos indivíduos.

Atualmente, a paisagem urbana guarda momentos diversos do processo de produção espacial, que permite ao homem vislumbrar elementos para a discussão da evolução da produção espacial, remetendo-o ao modo pelo qual foi produzida. Mediante os estudos de Carlos (2008, p. 44):

A paisagem urbana é a expressão da ordem e do caos, manifestação formal do processo de produção do espaço urbano, colocando-se no nível do aparente e do imediato. O que importa considerar é como essa forma será compreendida e, conseqüentemente, analisada. Uma vez que o aspecto fenomênico coloca-se como elemento visível, como a dimensão do real que cabe intuir, analisar e compreender vai inicialmente analisá-lo como representação de relações sociais reais que a sociedade cria em cada momento do seu processo de desenvolvimento.

Segundo o mesmo autor, a paisagem além de produto da história tem o poder de reproduzi-la. A força motriz desta ação é a ação humana e suas práticas urbano-espaciais. Para o pesquisador, da observação da paisagem urbana depreendem-se dois elementos fundamentais: o primeiro diz respeito ao “espaço construído”, o mobilizado nas construções, e o segundo ao movimento da vida. Ambos se integram na realidade paisagística

1.5. PRAÇA: LEITURAS COMO ESPAÇO PÚBLICO E ÁREAS LIVRES

A realidade da contemporaneidade impõe grandes questionamentos para a abordagem do espaço público. A consolidação de novos produtos imobiliários como: loteamentos fechados, shopping centers, centros empresariais, parques temáticos, centros turísticos questionam seu significado. Os novos espaços são por vezes realmente semi públicos ou pseudo públicos, diversas vezes caricaturas da vida social, negando ou ocultando as diferenças e os conflitos.

Para Carlos (2001, p. 36), essas transformações esvaziam o espaço público de seu sentido tradicional de lugar que possibilita as relações sociais, retirando e negando o acontecer do imprevisto, da improvisação, do espontâneo, da

convivência, dos encontros, dos conflitos, das rotinas e dos desacordos. Nesses novos espaços as relações sociais passam a ser mediadas por normas e organizadas em função do consumo, representando práticas de exclusão, pois os espaços são vigiados e controlados.

Segundo o sociólogo Sennett, (1974, p. 30) espaço público é espaço de uso coletivo da sociedade que permite diversas pessoas utilizando o mesmo ambiente ao mesmo tempo, o que significa necessariamente um espaço para todos. A palavra público, no dicionário Larousse Cultural, significa “que se refere ou é destinado ao povo, à coletividade”, também é o “que é aberto a quaisquer pessoas”.

Ao falar sobre a temática “praças” que é um espaço público por excelência não se pode perder de vista o enfoque da espacialidade a qual as praças também estão inseridas, bem como, da nova conotação que está representa nos dias de hoje. Apresentado como produto de um processo de relações sociais em constante mutação, o espaço torna-se humano não apenas porque o homem o habita, mas porque o produz, daí seu caráter social, sendo, no entanto, um produto desigual e contraditório assim como a sociedade que o produziu com seu trabalho. Produto histórico, o espaço é ativo e dinâmico condicionando e sendo condicionado pela sociedade, nas palavras de Moreira (1986, p.123).

No decorrer da história e com a evolução das cidades e o papel das praças se alterou significativamente no contexto urbano; entretanto, o papel, a função, o caráter social que sempre a permeou, permaneceu com a sua mais peculiar característica, ou seja, de ser um espaço onde o cidadão pode circular livremente, sem restrições, de ser local de encontro, de lazer e de discussões.

Conforme nos afirma Robba & Macedo (2002, p.15): “as *piazze italiane*, as *places royales* francesas, as *plazas mayores* espanholas e as *squares* inglesas também são frequentemente objeto de estudos sobre a formação do espaço público urbano e estão normalmente associados ao ideal máximo de praça pública”.

Na visão de Macedo e Robba (2003), a praça é um dos espaços urbanos mais visíveis, sendo assim é muito sensível a transformações de caráter modernizante por parte do Poder Público. As novas intenções formais modernas junto aos novos programas de uso caracterizam uma nova linha de projeto paisagístico. A praça moderna foi ratificada socialmente como elemento necessário à vida na cidade, ela deve ser destinada ao lazer.

Segundo Alex (2008, p.23) “A praça: Expressão Cultural Urbana, simultaneamente uma construção e um vazio, a praça não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano”. Sendo assim pode-se afirmar que a praça é um espaço urbano ligado a questão social formal e estética, nela ocorre toda a interação de todos os indivíduos da sociedade, um lugar de se pôr em pratica os costumes da população.

De acordo com Santos (1997, p. 51), “o espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes”.

O arquiteto Hertzberger (1999. p. 12) apresenta espaço livre público como “uma área acessível a todos a qualquer momento; a responsabilidade por sua manutenção é assumida coletivamente. Nesse caso, o espaço livre público permite o acesso de todos, independentemente das atividades ali desenvolvidas, para isso, é necessário que todos contribuam para conservar esse espaço.

O espaço livre público atual é herdeiro da Modernidade e, como tal, assim como Caldeira (2000, p. 302-303) ressalta, carrega os traços do “ideal moderno da vida pública urbana”: ruas abertas, circulação livre, encontros impessoais e anônimos, presença dos diferentes grupos sociais consumindo, observando-se, participando da política, divertindo-se. Os espaços públicos que estão sendo construídos nas grandes metrópoles contemporâneas negam esse ideal e, ao contrário, propiciam a desigualdade e a separação como valores estruturantes; entretanto, isso não significa a morte do espaço público, mas sim a transformação de um tipo de espaço para outro.

Um aspecto primordial para a análise da transformação do espaço público é a sua característica de possibilitador de encontros impessoais e anônimos e da presença dos diferentes grupos sociais. Tais encontros devem ser entendidos como a possibilidade de compartilhar os mesmos territórios com outras pessoas muitas vezes sem o intuito de conhecê-las em profundidade. Assim, “o espaço público é o lugar das indiferenças, ou seja, onde as afinidades sociais, os jogos de prestígio, as diferenças, quaisquer que sejam, devem se submeter às regras da civilidade” (GOMES, 2002, p. 162).

Muitas são as definições referentes ao termo *praça*. Mesmo havendo muitas divergências e discussões sobre um consenso na definição de seus usos e

funções, todos concordam que são espaços livres abertos públicos característicos do meio urbano.

1.6. PRAÇAS BRASILEIRAS: FORMAÇÕES

As praças brasileiras surgiram no entorno das igrejas, constituindo os primeiros espaços livres públicos urbanos. Assim, atraíam as residências mais luxuosas, os prédios públicos mais importantes e o principal comércio, além de servir como local de convivência da comunidade e como elo entre está e a paróquia (Gomes, 2005, p103). A praça colonial brasileira caracterizava todos os usos medievais em uma única tipologia e morfologia, servia tanto como extensão ao espaço da igreja para missas e procissões, como para outros uso. Como nos informa Robba e Macedo (2003) citando Marx (1980, p. 50) “[...] E pelo seu destaque e proporção, atendiam também a atividades mundanas, como as de recreio, de mercado, de caráter político e militar”.

É ali que a população da cidade colonial manifestava sua territorialidade, os fiéis demonstravam sua fé, os poderosos, seu poder, e os pobres, sua pobreza. Era um espaço polivalente; palco de muitas manifestações dos costumes e hábitos da população lugar de articulação entre os diversos estratos da sociedade colonial. (ROBBA e MACEDO, 2003).

As cidades coloniais brasileiras formavam-se sempre partindo da igreja como primeira edificação, configurando um crescimento urbano radiocêntrico, pois a questão religiosa era sempre presente e influente, o que faz surgir como principal tipologia os adros de igreja (espaços vazios, também conhecidos como: terreiros, largos, situadas em frente às igrejas, capelas ou paróquias), revivendo as antigas praças medievais.

A praça do século XIX tornou-se um ícone social do espaço urbano, representada por meio de figuras e elementos significativos como canteiros, fontes, quiosques, caminhos e coretos, permitindo não só o passeio como a contemplação da Natureza. Segundo Robba e Macedo (2003), no início do século XX, o lazer contemplativo, o passeio, e a convivência permaneceram como forma de utilização intrínseca a este espaço, e no decorrer dos anos foi sendo adaptado à nova dinâmica da cidade, incorporando outras atividades como o lazer cultural, o lazer esportivo, e a recreação infantil.

Nesse contexto, se apresenta também o caso da praça do barão que até a década de 1950, era apenas um espaço vazio, conhecido como largo de São João, e que ao passar por sua primeira intervenção urbanística recebeu o nome de praça Barão do Rio Branco, nome que perdura até os dias atuais.

1.7. ASPECTOS HISTÓRICOS DA OCUPAÇÃO URBANA DE MACAPÁ

Aprofundando os aspectos históricos observados na introdução sobre praças, e dando encadeamento específico para abordarmos o caso da Praça do Barão, tense que a ocupação da Amazônia visava à criação de povoados, que foi feita por nomeação de vilas por toda a bacia do Rio Amazonas, garantindo assim a entrada para o interior da exuberante floresta.

Na vila de Macapá o grande diferencial está no desenho do traçado das quadras e lotes e principalmente pela elaboração no desenho de duas grandes praças paralelas ao rio Amazonas como mostra a figura 08, (Hoje a praça do Barão e também a praça Veiga Cabral), uma situada ao sul do projeto onde foi implantada a igreja matriz (Praça Veiga Cabral) e a outra localizada ao norte onde foi implantado o pelourinho (Praça do Barão). Segundo Araújo (1998, p. 41), o projeto urbanístico que Pombal implantou na vila de Macapá e em outras vilas da Amazônia, estão imbuídas com símbolos e ritos comumente utilizados nas cidades de Portugal, é perceptível a importância que a praça exerce, um simbolismo de destaque na cidade, a praça tornou-se uma das marcas importantes nos traçados urbanísticos do Marques de Pombal.

Figura 08 - Planta da Vila de São José do Macapá com destaque no quadrado preto a atual localização da Praça Barão do Rio Branco.



DESTACAMENTO MILITAR QUE DEU ORIGEM A FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DE MACAPÁ

Fonte: Adaptado pelo autor de ARAÚJO, 1998

O povoado de São José de Macapá era formado por um aldeamento indígena fato esse ocorrido até a intervenção urbanística portuguesa. A partir da intervenção pombalina o povoado teve sua paisagem transformada. Passou a ter traçado urbano, com ruas e praças bem delimitadas, prédios públicos projetados para abrigar os poderes locais, como a Igreja, a Câmara e o presídio (Araújo, 1998)

Em 1º de fevereiro de 1758 Mendonça Furtado chega ao povoado de Macapá vindo de fundar outras vilas como Oeiras, Melgaço e Portel acompanhado por grande comitiva composta por vários engenheiros militares, vem com intuito de elevar Macapá a categoria de vila fato que acontece no dia 4 de fevereiro de 1758. Um dos fatos relevantes que se tem registrado é o relato da satisfação que Mendonça Furtado manifesta quando visita Macapá, descrevendo as duas grandes praças e suas dimensões. (Araújo, 199, p.157). Apesar do orgulho de Mendonça Furtado, a “praça” ainda era entendida como apenas um espaço vazio, apesar que possuía já inicialmente um certo caráter de espaço público e espaço livre, mas ainda não aproximando das noções contemporâneas de praça.

O pequeno destacamento militar que consta a esquerda no mapa da figura 08, acima foi substituído posteriormente pela construção da Fortaleza de São José de Macapá e o povoado original desenvolveu-se em terreno de características geográficas favoráveis, à margem oeste do Rio Amazonas.

Já a fundação do Município de Macapá teve sua origem como comarca em 30 de abril de 1841, por intermédio do decreto-lei Imperial nº 87, em 6 de setembro de 1856 e pela lei provincial 281, Macapá recebeu o foro de cidade pertencente ao Estado do Pará (Grão-Pará e Maranhão). Devido às condições de uma iminente guerra e o interesse na defesa e integração de regiões de fronteira, Getúlio Vargas instituiu o Decreto-Lei 5.812, de 13 de setembro de 1943, criando os Territórios do Amapá, Rio Branco, Ponta Porã e Iguaçú, colocando-os sobre a administração direta do Governo Federal, desmembrando o Grão-Pará e Maranhão. A justificativa para a criação dos territórios federais estava ligada ao “povoamento adequado, nacionalização e defesa da fronteira”. Inicialmente a sede era localizada no atual município do Amapá com governador Janary Nunes a sede do governo do Amapá foi transferida para Macapá, que foi escolhida para sediar o núcleo administrativo do Território Federal por representar o principal centro urbano da região.

Em 31 de março de 1944, Macapá foi posta à categoria de Capital do Território do Amapá e, posteriormente, com a promulgação da Constituição de 1988, o Território Federal do Amapá transforma-se em um novo Estado do Brasil. Neste contexto, Macapá torna-se a capital do Estado do Amapá. (TOSTES, 2009). Segundo Nunes(1946) o estado geral em que se achava a cidade e população de Macapá era desolador antes da elevação a capital sede do território, mas ao mesmo tempo em que era exposto o seu estado de miserabilidade e “incivilidade”, tal situação era considerada transitória, uma vez que havia um importante projeto de transformação econômica e social prevista para o Território que ali seria forjado.

Após a criação do Território Federal do Amapá, em 1943, houve maior concentração populacional no município de Macapá por moradores atraídos pelas melhores condições de vida que pareciam decorrer da presença do Governo Federal na área, conforme dados da Plano da Fundação João Pinheiro (1973, p. 47). Ao nível local podem-se notar estes diversos aspectos sendo executados através do projeto urbano para a cidade de Macapá. Inicialmente, foram devastados campos e matas das principais ruas da capital, construídas novas edificações e residências como observado na figura 09, e abertas rodovias, a fim de facilitar o trânsito entre os principais pontos de colonização do Território. O núcleo urbano, que ia somente até a Rua Tiradentes e à Av. FAB, prolongou-se até constituírem-se novos bairros.

Assim, a cidade acabou por ser projetada com arruamentos, praças e lotes sem mudar o seu antigo traçado urbano colonial (Nunes, 1944, p. 35).

Figura 09- Conjuntos residenciais cujas casas, construídas pelo Governo territorial, serviriam de residência aos diretores de serviços, demais funcionários e operários do território.



Fonte: NUNES, Janary. Relatório das atividades do Governo do Território Federal do Amapá - 1944. Rio de Janeiro, 1946.

Segundo Iphan (2009, p.55), o contexto de estabelecimento do Território Federal do Amapá apesar de representar marco significativo na história da cidade de Macapá, mas por melhor que possa parecer, entretanto, “as transformações decorrentes da criação do Território Federal do Amapá não obtiveram um “sucesso” ou “aprovação” unânime dentre a população que seria “favorecida”, provocando diferentes reações por parte dos tradicionais moradores que compunham a sociedade de Macapá na época. Suscitando, ainda hoje, diferentes opiniões acerca da repercussão que tiveram na vida destes antigos moradores.” A polêmica surgiu quando tradicionais moradores, justamente do entorno da Praça Barão do Rio Branco, já naquele momento considerada uma das principais áreas da cidade (Largo de São João) foram remanejados para lugares mais afastados deste núcleo urbano para que fosse implantada a estrutura administrativa do novo governo do território.

“Constituindo-se de população predominantemente negra, estes moradores tiveram suas casas desapropriadas pelo Governo do território, tendo de procurar outros lugares para habitar. A situação ainda hoje gera controvérsias, pelo fato de que somente alguns destes moradores teriam conseguido negociar indenizações e outros benefícios com o Governador enquanto que outros, mantendo-se afastados do processo de acordo e da barganha política, tiveram de reconstruir morada em outro lugar por conta própria.” (IPHAN, 2009, P.56)

Outra versão sobre a remoção dos negros, acusam um dos antigos moradores e líderes da comunidade, Julião Ramos, de ter coordenado a remoção

dos negros do entorno da praça em troca de favores políticos e pessoais junto ao Governador Janary Nunes (Iphan, 2009).

Embora existisse desde a criação da Vila de Macapá como largo de São João, foi modificada e reinaugurada no dia 1º de dezembro de 1950 como Praça Barão do Rio Branco figura 10, recebendo esta denominação em homenagem a José da Silva Paranhos Júnior, Barão do Rio Branco, importante defensor do Amapá nas questões relativas a delimitação das fronteiras nacionais. À época da sua construção em 1950, foram encontradas peças arqueológicas de antigos povos que habitavam a região. Atualmente uma praça frequentada principalmente no período noturno pós o setor esportivo não apresenta cobertura vegetal para amenizar os efeitos da radiação solar e muito utilizada para práticas esportivas, devido às quadras de vôlei, basquete e futebol. Atualmente o setor contemplativo apresenta cobertura vegetal aleatória e as arvores na sua maioria mangueiras apresentam sinas de doenças. Observa-se que é neste momento que se visualiza o traçado reticulado e a praça passa a ser separada em duas partes (por uma rua de veículos) e ganha alguns tipos de usos como quadra poliesportiva.

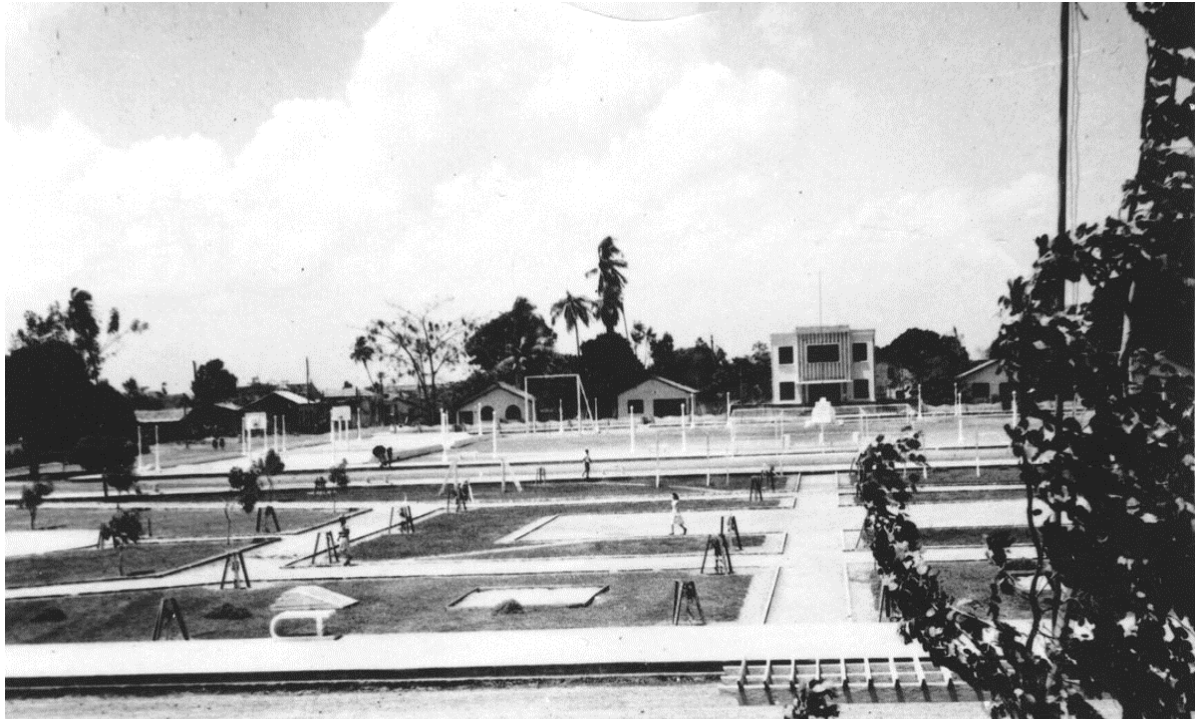
Figura 10- Imagem aérea de 1950, com destaque no quadrado preto a atual localização da Praça do Barão do Rio Branco.



Fonte: Acervo Fotográfico da Prefeitura Municipal de Macapá.

O primeiro projeto paisagístico arquitetônico evidencia um traçado reticulado como pode ser visualizado na figura 11, supostamente da década de 1950, evidenciando o prédio dos correios ao fundo em frente as quadras de esporte, foto tirada do segundo pavimento da escola Barão do Rio Branco.

Figura 11- Vista de fotografia (do Norte para o Sul) da Praça do Barão – Data aproximada de 1950



Fonte: biblioteca virtual IBGE.

A evolução histórica de Macapá tem sido um dos grandes enfoques preocupantes discutidos na academia com o propósito de se buscar novos elementos que venham subsidiar projetos urbanísticos para a cidade. Segundo o Plano Diretor de 1990, criado pela Prefeitura de Macapá a expansão ocorrida até 1945, embora pequena, obedeceu ao sentido da malha ortogonal inicial. Também na década de 1950, a cidade de Macapá ganhou uma nova expansão no sentido sul da cidade. (Tostes, 2009)

Segundo o mesmo Plano Diretor de 1990, é possível se constatar que no período de 1973 a 1979 o ritmo de crescimento se manteve regular. Nessa etapa as duas maiores áreas de ocupação desordenada: baixada do Perpétuo Socorro conhecida também como “baixada do Igarapé das Mulheres” e “baixada do Elesbão”, tiveram seus ocupantes removidos para uma área situada a Leste do Quartel

General do 3º Batalhão Especial de Fronteira (BEF). Foi então que nesta área militar surgiu o Bairro “Nova Esperança”.

Segundo IPHAN (2009) atualmente a praça “trata-se de espaço público, composto por duas quadras sendo uma dividida em seis quadras de esporte e outra com tratamento paisagístico, apresentando formas sinuosas nos seus caminhos internos. A centralidade é marcada por uma escultura, mobiliário de design simples em alvenaria, o setor contemplativo apresenta cobertura vegetal aleatória e as arvores na sua maioria mangueiras apresentam sinas de patologias, destinando-se ao uso principalmente de lazer contemplativo”.

II REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Durante os séculos XIX e XX, as cidades cresceram às margens de rios dentro de um padrão de urbanização que determinou a paisagem e seus usos. Isso se deu tanto nas questões funcionais, quanto relacionadas à paisagem, e o tecido urbano. Diante dessa premissa, foram dimensionados 2 (duas) escalas de abordagens neste capítulo: um a nível mundial, outro a nível nacional na qual se constituem uma importante referência para este trabalho.

Todo arquiteto no exercício de sua profissão está em constante busca de referências, inspiração para suas próprias criações. E nessa caminhada nos utilizamos das mais variadas fontes, seja o projeto de algum colega, alguma obra de arte ou elementos simples do cotidiano.

Neste capítulo, serão apresentadas as principais referências projetuais, sejam elas formais e/ou funcionais, como forma de auxiliar a proposta de revitalização urbana. Destes projetos foi extraído o que se julgou necessário para concepção projetual, em alguns casos apenas os aspectos estéticos, em outros, as características funcionais.

Os casos foram escolhidos de acordo com a complexidade dos fatores intervenientes, cujo implicavam em situações desafiantes, apresentando então maior riqueza de procedimentos e propostas, bem como, o aprofundamento acerca das soluções técnicas, estéticas e funcionais adotadas. Aspectos esses que poderão ser levados em consideração, de forma pontual ou não, como base para a proposta de intervenção desta monografia.

A escolha desses projetos como modelo comparativo se deve ao fato de que são projetos de revitalização recente cujo objetivo é favorecer a melhoria do espaço urbano.

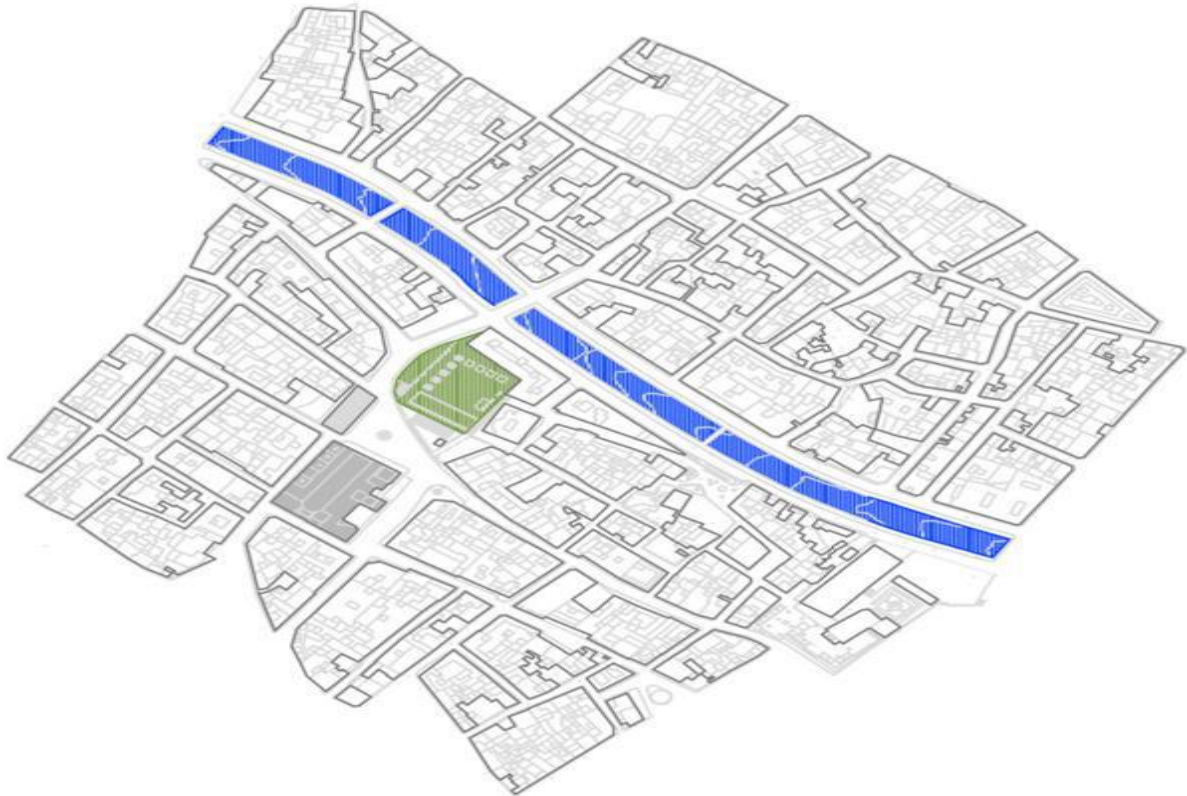
2.1. ESCALA MUNDO

PRAÇA DA Balsa Vieja

A praça figura 12, está localizada em Totana, um município da região de Múrcia na Espanha, e apesar de já estar construída, o projeto aqui apresentado é uma proposta de reforma desenvolvida pelo arquiteto Enrique Mínguez Martínez.

Seu entorno é bastante denso e possui primordialmente residências e pequenos comércios. Um importante condicionante projetual é o fato de existir um estacionamento subterrâneo sob a área da praça, o que dificulta a implantação de vegetação e estruturas que exijam fundações mais profundas.

Figura 12 - Implantação Praça da Balsa Vieja, retângulo na cor verde.



Fonte: Archdaily, 2017

O principal objetivo da proposta é revitalizar e fortalecer o uso do espaço, conferindo-lhe caráter próprio e sempre que possível acomodando usos múltiplos. A área de uso público, de descanso e as relações sociais, até os espaços mais íntimos onde reunir-se para relaxar, ler ou conversar.

Para isso a praça foi zoneada em dois grandes ambientes, um com vegetação e mobiliário de lazer e outro mais amplo que favorece o uso dos edifícios vizinhos como visto na figura 13. Devido a presença de desníveis dentro da área de intervenção foi criado um sistema próprio de pavimentação, além de mobiliários e equipamentos diversos.

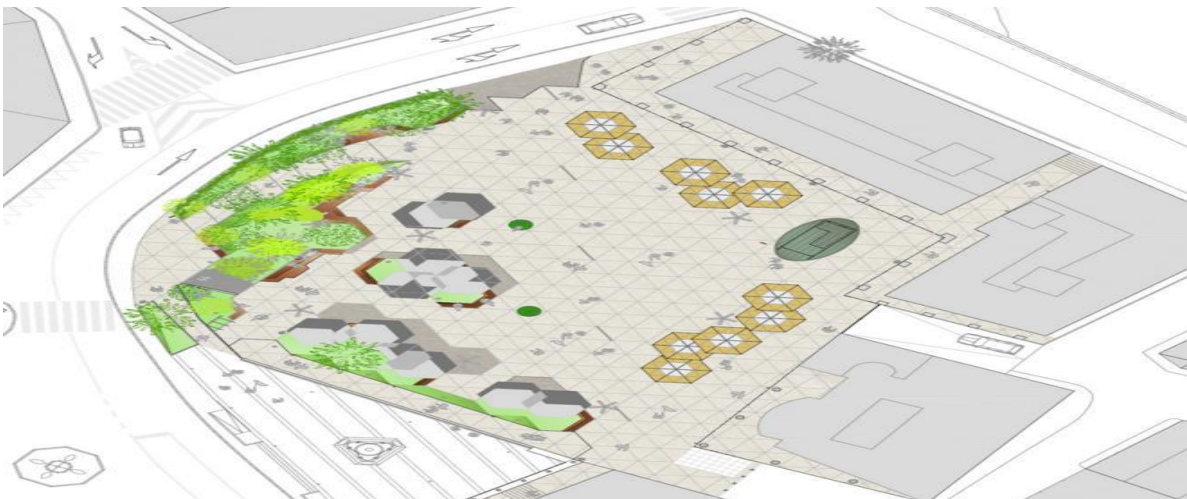
Figura 13 - Praça da Balsa Vieja.



Fonte: Archdaily, 2017

Na planta abaixo figura 14, pode-se ver o resultado geral da proposta, com as áreas de vegetação e sombreamento já definidas.

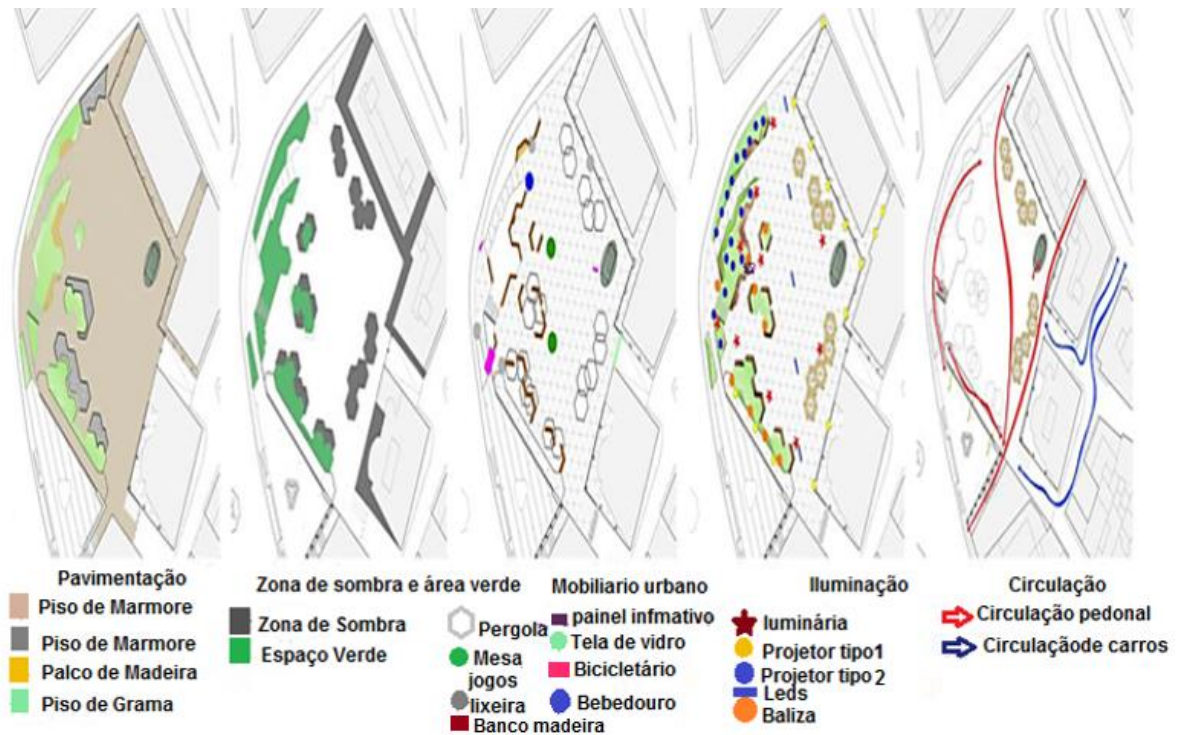
Figura 14 - : Planta geral Praça da Balsa Vieja



Fonte: Archdaily, 2017

Em seguida, na figura 15, os diagramas das diferentes camadas. No primeiro, a representação dos diferentes pisos, no segundo, as áreas de vegetação e sombra, o terceiro traz a implantação dos mobiliários, o quarto as modalidades de iluminação e o último explica como se dão as diferentes circulações – de pedestres em vermelho e automóveis em azul.

Figura 15 - Diagramas Praça da Balsa Vieja



Fonte: Archdaily, modificado pelo altor, 2017.

Com a observação do projeto percebe-se que seu desenho simples, de linhas claras e diretas trouxe ao ambiente a sensação de novidade, mesmo estando em uma área histórica da cidade. O projeto conversa de forma concisa com o entorno e se estabelece.

Além disso, os materiais usados (concreto, aço e vidro) são bastante conhecidos e de fácil execução apesar de estarem apresentados com um design inovador – fato que favorece o projeto e leva-o a atingir seu objetivo de revitalização do espaço.

Mais uma vez a representação gráfica limpa e direta mostra-se favorável e desempenha seu papel de explicar como se dá a organização da praça.

2.2. ESCALA NACIONAL

Este projeto foi escolhido tanto pelo seu caráter estético-formal quanto pela proximidade de uso. A praça proposta pelo escritório HUS – Arquitetura é um excelente exemplo de espaço público de qualidade.

O projeto está localizado na cidade de Santana de Parnaíba – SP, em um bairro isolado e carente de equipamentos de lazer e busca fazer com que uma praça se torne um elemento de ligação física e social do tecido urbano, reorganizando o seu traçado, qualificando os espaços públicos e potencializando o seu uso (figura 16).

O espaço é fruto do remembramento de alguns terrenos que hoje estão vazios e fazem a ligação entre uma zona tipicamente residencial e outra de uso comercial. Essas características determinaram a setorização básica do projeto: ao norte, o local destinado ao encontro, manifestações públicas, feiras e shows, e ao sul, a área de caráter mais esportivo e de passeio.

Figura 16 - Implantação do projeto escritório HUS – Arquitetura



Fonte: Archdaily ,2017

Após a setorização, foram definidos dois pontos focais localizados nas principais vias de acesso ao bairro, como observado abaixo na figura 17, na qual é possível perceber que o desenho do entorno infiltra-se na praça, proporcionando uma integração entre projeto e cidade.

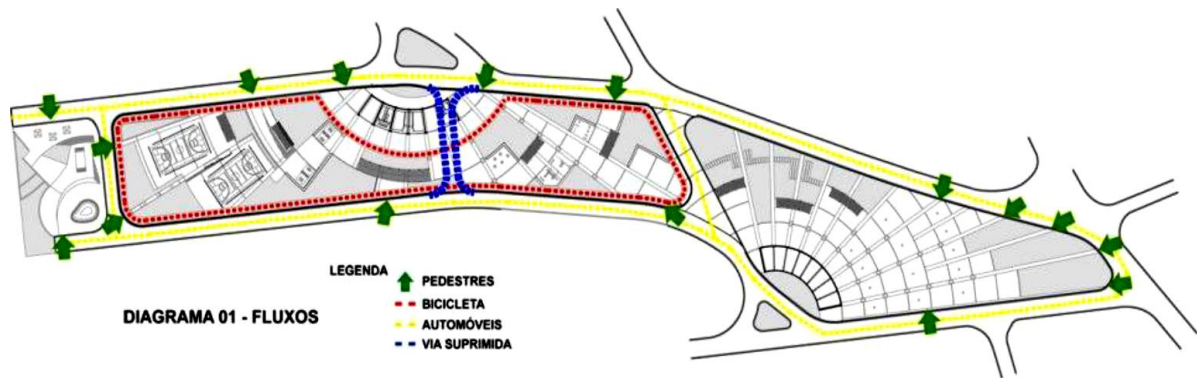
Figura 17 - setorização do projeto



Fonte: Archdaily adaptado pelo autor 2017

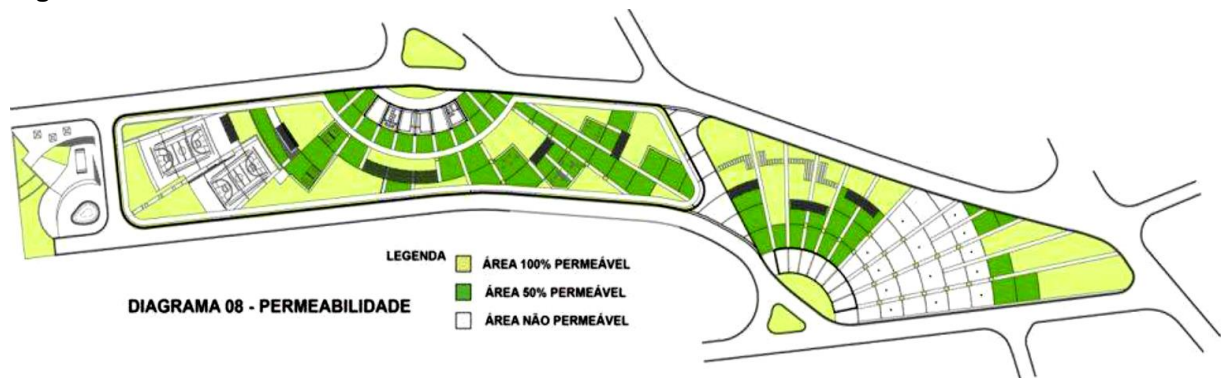
É a partir dos pontos focais que são traçados os eixos que organizam a praça, delimitados pelo desenho do piso e por elementos do paisagismo. Na porção norte será implantado um palco elevado que se abre para a grande esplanada de eventos com área de jatos d'água. Já na área sul, implanta-se o ponto de apoio à administração, com sanitários, bicicletário, posto da guarda municipal e três salões de apoio que poderão abrigar atividades comunitárias, programas culturais e esportivos. Conta ainda com duas quadras poliesportivas, pista de skate, parque infantil para diferentes idades, mesas de jogos, ginástica, inclusive para a melhor idade e uma ciclovia que abraça o setor.

Figura 18 - Fluxos e acessos



Fonte: Archdaily.,2017

Figura 19 - Permeabilidade do solo



Fonte: Archdaily 2017

2.3. CONSIDERAÇÕES DOS ESTUDOS DE REFERÊNCIA

Os dois projetos acima demonstrados trouxeram inspiração e contribuições importantes para o desenvolvimento da proposta de revitalização da praça Barão do Rio Branco. Foram elementos essenciais para nortear minhas decisões no que diz respeito à relação projeto/entorno e a importância em reconhecer os usuários para a definição da programação arquitetônica.

De maneira específica, O projeto que está localizado na cidade de Santana de Parnaíba – SP, praça proposta pelo escritório HUS – Arquitetura foram absorvidas algumas ideias estéticas e de zoneamento, além de ser o único localizado no Brasil, o que ajuda bastante na consideração sobre os fatores climáticos.

Além disso, o arquiteto preocupou-se em integrar sua praça ao entorno e deu preferência à circulação de pedestres em detrimento dos automóveis, característica também presente no outro projeto estudado.

Já a praça Balsa Vieja, acerca-se mais no quesito da escala projetual, contendo espaço mais próximo do convívio cotidiano e de fácil entendimento estético-formal. O projeto foi pensado em contexto urbano e proporciona a seus usuários espaços multifuncionais, mesmo que em pequenas dimensões.

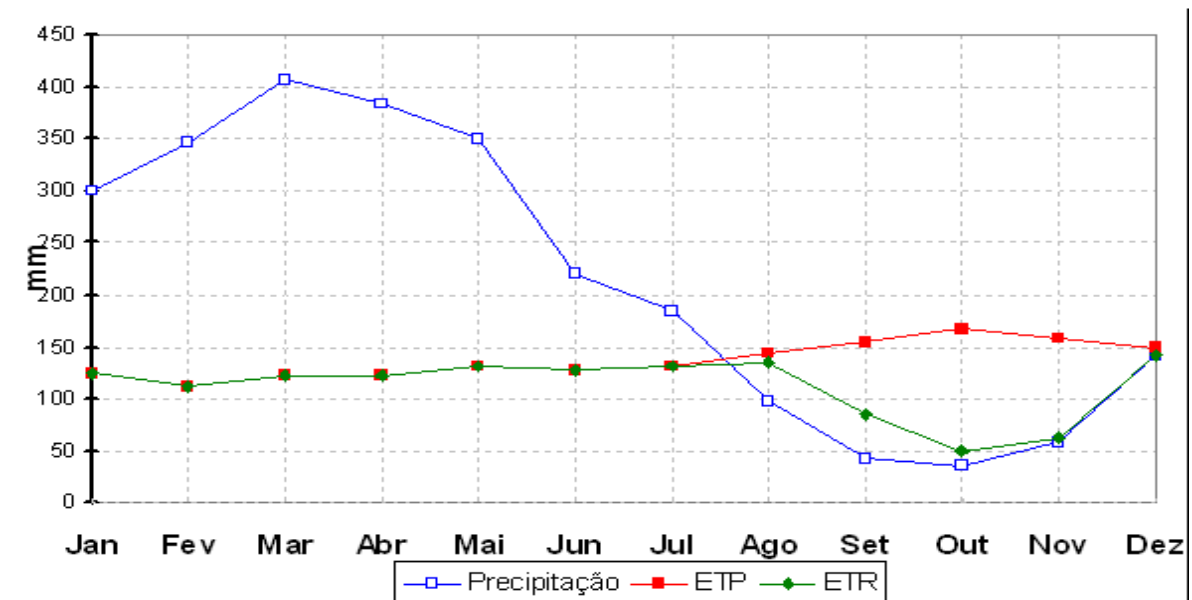
III. ANÁLISES URBANA E AMBIENTAIS DA PRAÇA BARÃO DO RIO BRANCO E SEU ENTORNO IMEDIATO

3.1. ASPECTOS CLIMÁTICOS

As questões climáticas são um dos aspectos que devem ser analisados para caracterizar um projeto. Para tanto segundo Tavares (2009), parte-se que o clima predominante de Macapá é o equatorial quente-úmido, com temperaturas que variam entre 32,6°C (máxima) e 20°C (mínima), todavia, a sensação térmica no período de estiagem pode passar dos 40°C. O clima equatorial- úmido tem como principal causa a floresta amazônica, que transposta umidade que varia em torno de 80% a 90%, o que indica alta taxa de umidade. Sensação térmica no verão pode passar dos 45 °C. As chuvas ocorrem nos meses de dezembro a agosto, não chegando a atingir 3.000 mm. A estação das secas se inicia no mês de setembro e vai até meados de dezembro, quando se registram as temperaturas mais altas

Também segundo o mesmo autor, Macapá é uma das regiões que possuem clima tropical extremo, com duas estações muito distintas: uma muito chuvosa, com tempo de vários dias seguidos de chuva, com ocorrência de muitos eventos de chuvas fortes, que deixam vários bairros da cidade vulneráveis a alagamentos, além de outros problemas; outra muito seca, onde podem ocorrer períodos muito longos de estiagem, agravados pela alta temperatura e baixa umidade relativa.

No verão, o índice pluviométrico diminui e a temperatura tem a média de 27°C. É o período do ano em que a umidade do ar é mais baixa. Estes índices podem ser conferidos no gráfico da figura 20, retirados do site da EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias.

Figura 20- Balanço Hídrico Normal Mensal do Município de Macapá – AP

Fonte: INMET, 2012

O vento predominante em Macapá é de Nordeste (NE), com variações entre lés-nordeste (ENE) e Leste (E). A intensidade também varia durante o ano, mas de forma geral a cidade é ventilada, com vento fraco a moderado (0 a 25 m/s) Figura 21. Os ventos predominantes em Macapá são os chamados Alísios do Hemisfério Norte que sopram do Nordeste para o Sudeste. Esses ventos se caracterizam por serem úmidos e por provocarem chuvas nos locais onde convergem, mas que amenizam a sensação de calor característico na localidade (NERI, 2004).

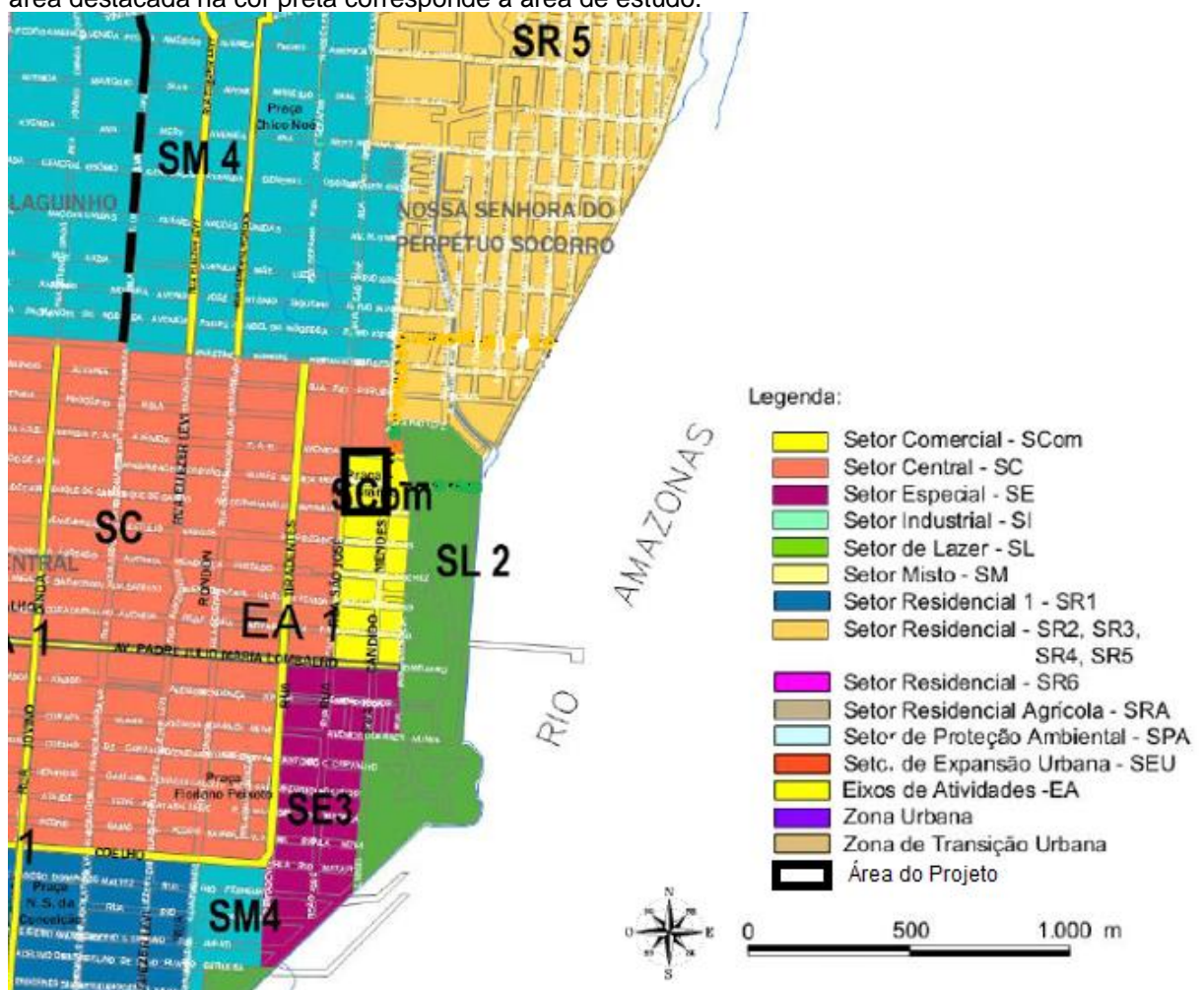
Figura 21 – Estudo de insolação e ventilação na área

Fonte: Prefeitura Municipal de Macapá, adaptado pelo autor, 2017

3.2. CONDICIONANTES LEGAIS

Sendo a área de estudo pertencente ao perímetro urbano da Cidade de Macapá, localizada no setor comercial qualquer intervenção urbana ou arquitetônica deve enquadrar-se ao Plano Diretor desta cidade, o qual estabelece diretrizes e regras para construção civil, e para o uso e ocupação do solo (figura 22).

Figura 22 – Eixos de Atividades, Setores Urbanos e de Transição Urbana da Cidade de Macapá. A área destacada na cor preta corresponde à área de estudo.



Fonte: Prefeitura Municipal de Macapá, 2011 (adaptação do autor, 2017).

A orla da cidade de Macapá compreende vários setores urbanos, configurando-se como um espaço com usos diversos e construções mistas de comércio e habitação. Os setores que correspondem às atividades de lazer compreendem grande parte a orla. Diariamente, a população utiliza esta área para

praticar atividades de esporte e lazer, morar e trabalhar, proporcionando a este espaço movimento ao mesmo tempo em que a população apropria-se deles.

De acordo com o Plano Diretor de Macapá, a área delimitada para estudo e intervenção deste trabalho está contida no setor urbano que corresponde ao, Setor Comercial. Será feita análise dos condicionantes legais do Setor Comercial pois é o setor que corresponde a área de estudo (quadros 01 e 02).

Quadro 01 - Usos e Atividades dos Setores Urbanos da Área de Estudo

SETOR	USOS E ATIVIDADES		
	DIRETRIZES	USOS PERMITIDOS	OBSERVAÇÕES
Comercial - SC	centro de comércio e de serviços da cidade	residencial uni e multifamiliar; comercial e industrial níveis 1 e 2; de serviços níveis 1, 2 e 3	somente cinema e teatro no uso de serviços nível 3

Fonte: Prefeitura Municipal de Macapá, 2011.

Quadro 02 - Intensidade de Ocupação

SETOR	DIRETRIZES PARA INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO	PARÂMETROS PARA OCUPAÇÃO DO SOLO					
		CAT máximo	Altura Máxima da Edificação (m)	Taxa de Ocupação Máxima	Taxa de Permeabilização Mínima	Afastamentos Mínimos	
						Frontal	Lateral e fundos
Comercial - SC	alta densidade verticalização baixa	1,2 (a) ou 1,5 (b) ou 2,0 (c)	14	80%	isento até 250m ² 15% para lotes acima de 250m ²	3,0	1,5 ou 2,5 (e) ou 0,3 x H (d)

Fonte: Prefeitura Municipal de Macapá, 2011.

No que se refere o artigo nº 50 deste regulamento, os imóveis situados no Setor Comercial edificações classificadas como Edificação Horizontal devem seguir as seguintes regras:

I – Para edificação centrada no terreno com abertura de vãos: afastamento frontal mínimo: 3,00 metros; afastamentos laterais mínimos: 1,50 metros e afastamentos de fundo mínimo: 1,50 metros;

II – Para edificação encostada em uma das divisas laterais do lote: frontal mínimo 3,00 metros; afastamento lateral mínimo (lado oposto): 1,50 metros e afastamento de fundo mínimo: 1,50 metros

III – Para edificações encostadas nas duas divisas laterais do lote, para lote resultante de desdobramento (subdivisão): afastamento frontal mínimo: 5,00 metros e afastamento de fundo mínimo: 3,00 metros. (Plano Diretor de Macapá, 2011).

Entretanto, a área de estudo encontra-se hoje com muitos lotes desmembrados em que as construções frequentemente se encostam nas duas divisas laterais do lote e não se enquadram no artigo nº 50 desta norma, pois a

maioria das edificações possuem menos de 5,00 metros de afastamento frontal e menos de 3,00 metros de afastamento de fundo.

Por se tratar de uma área que compreende a malha urbana onde se iniciou a ocupação da cidade, a área também contém alguns edifícios e monumentos históricos, sendo a Fortaleza de São José de Macapá o monumento mais significativo da orla da cidade. Este bem foi tombado pelo IPHAN assim como a sua área de entorno, para a preservação de sua ambiência e para impedir que novos elementos prejudiquem a sua visibilidade.

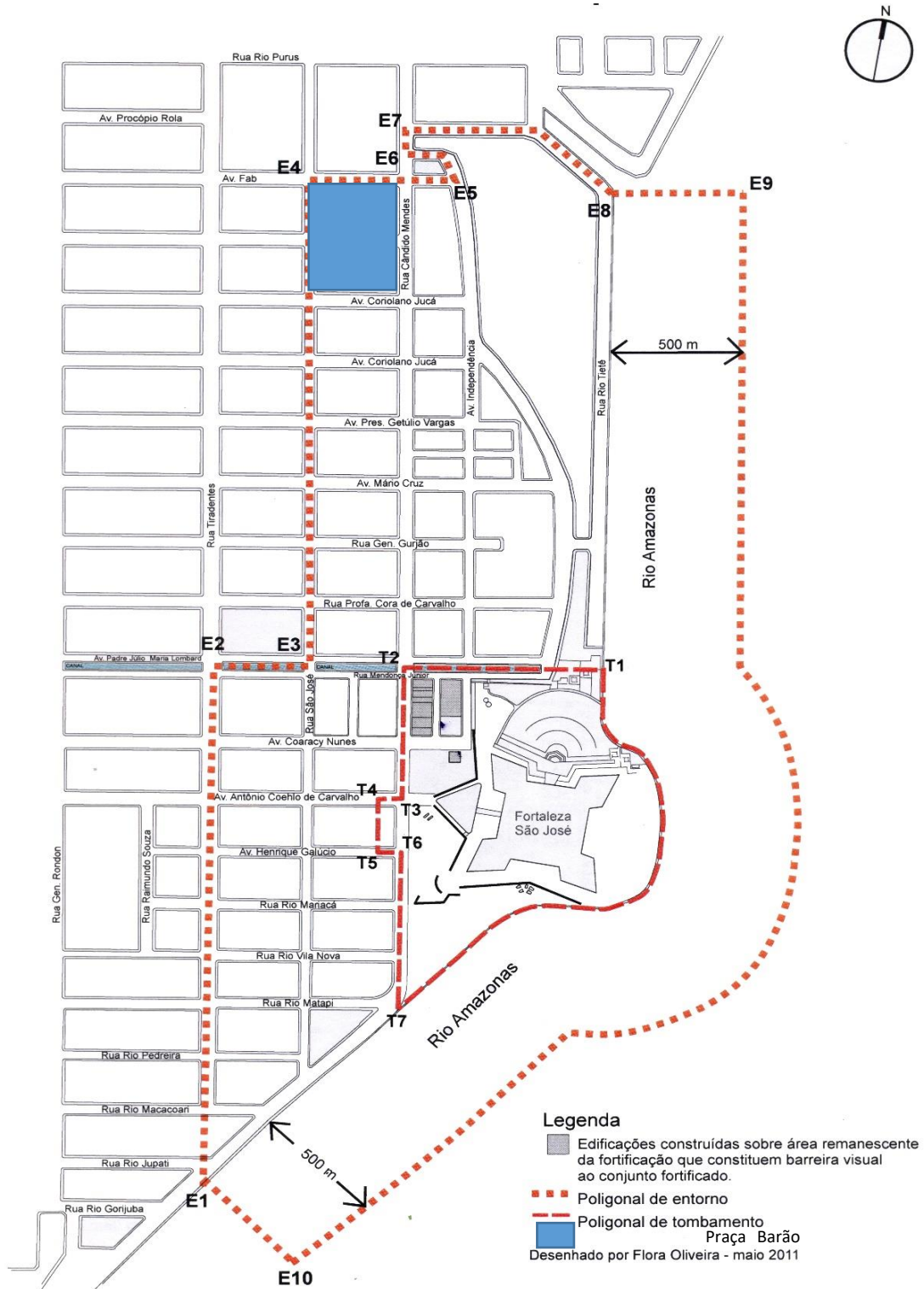
Em conformidade com o artigo 1º da Portaria nº422, de Novembro de 2011, determina-se a área de entorno da Fortaleza de São José de Macapá e sua poligonal delineada na (figura 23). Nesta área definida como entorno da Fortaleza de São José de Macapá, em termos urbanísticos e arquitetônicos, está condicionada de acordo com o disposto a seguir:

Art. 3º. Para as áreas das Praças e demais espaços livres localizados a margem oeste do Rio Amazonas, serão consideradas como áreas non edificando, devendo ser preservada a cobertura vegetal existente e receber tratamento paisagístico adequado.

Art. 4º Para a poligonal de entorno, fica estabelecido o gabarito de 02 (dois) pavimentos a partir da cota mais alta da testada do lote limitada a altimetria máxima de 8m (oito metros).

Art. 5º para as fachadas e acabamentos externos em toda a área fica estabelecida a restrição quanto à adoção de cores vibrantes, tons vivos o uso de tintas fluorescentes ou refletoras, ou tons essencialmente puros tais como: vermelho, azul, roxo, amarelo ou verde, bem como a pintura de publicidade nas fachadas. (BRASIL, 2011).

Figura 23 - Mapa de Ruas Restritivas do Entorno de Tombamento da Fortaleza de São José de Macapá



Fonte: IPHAN, 2017.

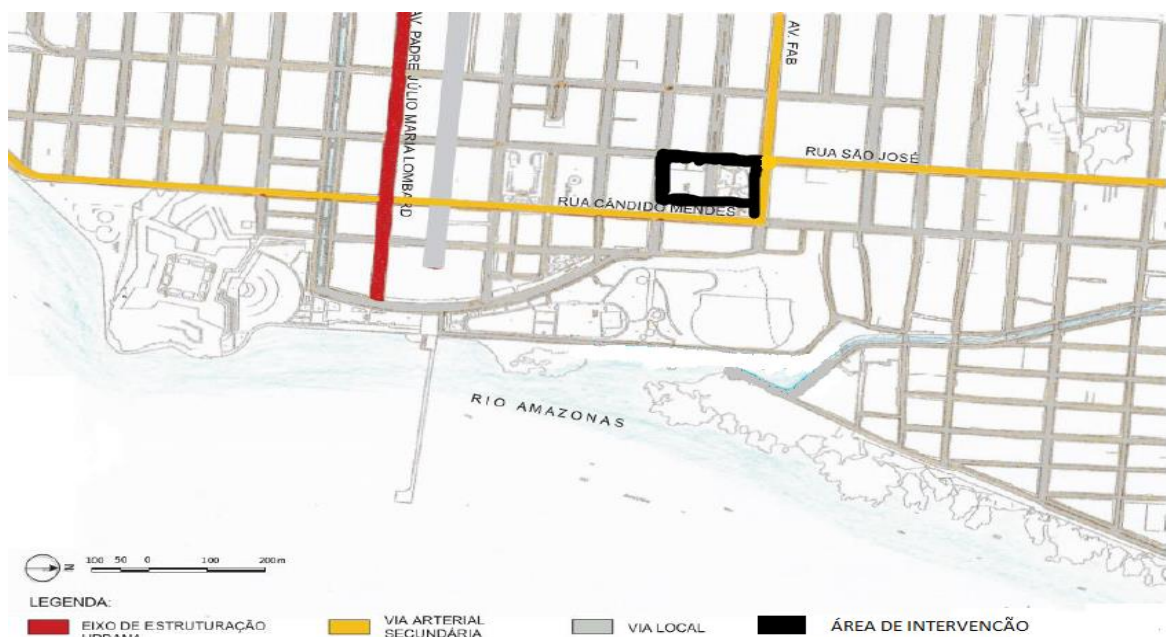
3.3. ASPECTOS MORFOLÓGICOS E FUNCIONAIS

3.3.1. Sistema viário e estrutura regional de mobilidade

O plano de Zoneamento Ambiental do Município de Macapá define que a Rodovia Duca Serra, dentro do perímetro urbano da cidade de Macapá, torna-se Eixo de Estruturação Urbana e toma a função de avenida – denominada Padre Júlio Maria Lombard – até seu encontro com o Rio Amazonas. Na proximidade da área de estudo, situa-se também a Avenida Cora de Carvalho como Eixo de Estruturação Urbana. Também nas proximidades da área em estudo, encontram-se três vias arteriais secundárias, sendo elas a Rua São José, a Rua Cândido Mendes e a Avenida FAB, como mostra a (figura 24).

O tráfego nestas vias segue a lógica do sistema viário dentro do setor urbano em estudo. As vias arteriais – Rua São José e Rua Cândido Mendes – são de fluxo mais intenso de veículos e são de sentido único. Algumas vias locais do bairro central onde está localizado o setor em estudo são de fluxo moderado, entretanto a largura das vias é pequena para este nível de tráfego, fato que leva ao congestionamento do trânsito em alguns trechos destas vias em períodos de maior movimento no local.

Figura 24 - Sistema Viário no Entorno da Praça Barão do Rio Branco



Fonte: Sampaio, modificado pelo autor, 2017

A estrutura urbana do bairro central possui todas as vias definidas em traçado reticulado com quadras retangulares medindo em média 70 x 200 m o uso predominante é o residencial porem no bairro encontrasse a quase totalidade dos estabelecimentos comerciais que se situam entre as ruas São José e Rio Amazonas e as avenidas Henrique Galucio e Coriolanos Juca. Suas ruas são quase a totalidade asfaltadas e com iluminação pública, todas as linhas de transporte coletivo tem circulação na área, o bairro central é servido por rede de esgoto sanitário diferente de outros bairros que não possuem rede de esgoto sanitário. Constata-se que a intensidade do fluxo viário está em função da configuração das vias. Deste modo, o fluxo é mais intenso nas vias que fazem ligação com áreas mais distantes do centro da cidade. As vias locais, dependendo de suas características físicas e funcionais, são mais ou menos movimentadas. Neste sentido, vias mais estreitas e curtas possuem tráfego de veículos mais fraco. A figura 25, mostra o fluxo viário de acordo com os dados levantados em campo.

Figura 25 - Fluxo Viário no Entorno da Praça Barão do Rio Branco



Fonte: PMM, adaptado pelo autor, 2017

A praça do barão é cercada pelas ruas São José e Candido Mendes que funcionam como binários viários, e que indiretamente fazem da praça do Barão funcionar como uma espécie de rotatória de retorno para sentido de retorno para as ruas FAB e Coriolano Jucá. O binário da São José e Candido Mendes se complementam com as vias das ruas General Rondon e Tiradentes.

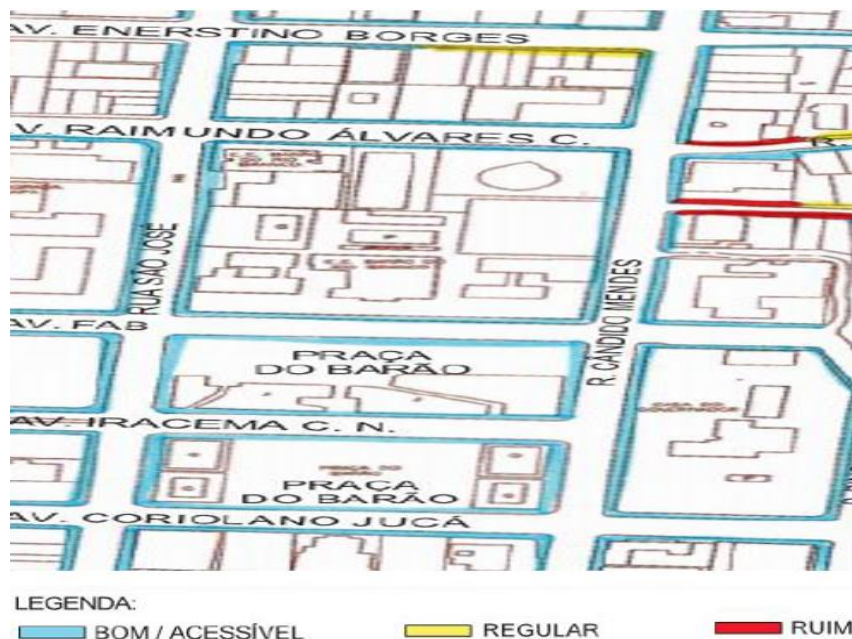
As vias locais estão em boas condições, o que contribui para condicionar o tráfego de veículos. As vias são asfaltadas, possuem integração com outras áreas da cidade. Neste sentido, as vias arteriais secundárias possuem sinalização e acostamento, em geral, possuem sinalização de acostamento e possuem meio-fio e sistema de drenagem.

A condição das calçadas do entorno da praça do Barão estão em boas condições as vias tem pouca permeabilidade contribuindo para a conservação física do calçamento. Como a prefeitura se responsabiliza apenas por construir calçadas nas áreas de lazer e nas áreas da cidade que oferecem maior quantidade de serviços, a mesma atenção dada às calçadas das áreas centrais.

3.3.2. Calçadas e mobiliário urbano

A maioria das quadras residenciais do entorno da praça possuem boas condições de passeio público o que se repete pelas vias mais próximas da praça. Na figura 26, mostram-se os trechos de calçada que estão em três diferentes situações, representadas pelas cores azul, amarelo e vermelho que indicam, respectivamente, um estado de conservação bom, regular e ruim.

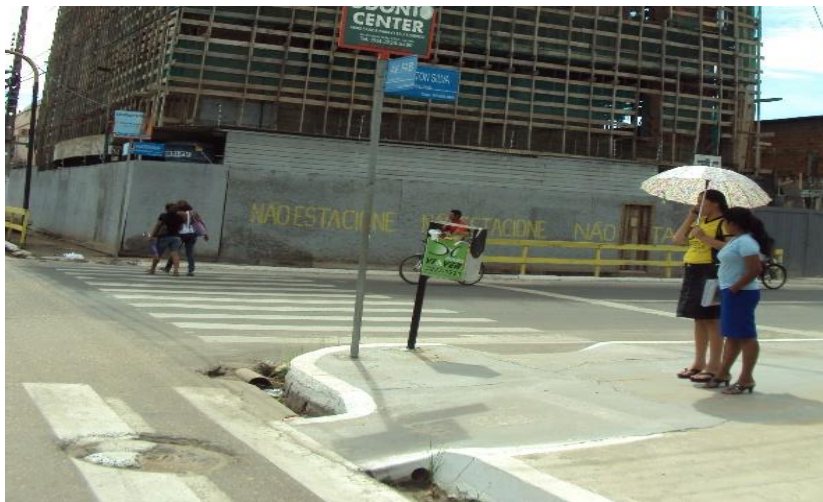
Figura 26 - Condições das Calçadas



Fonte: PMM, adaptado pelo autor, 2017

As calçadas que se encontram em bom estado figura 27, possuem acessibilidade para cadeirantes. As calçadas em estado regular de conservação figura 28, apresentam pavimentação degradada ou elementos fixos que bloqueiam a circulação de pessoas, além de não serem transitáveis por cadeirantes. As calçadas com estado de conservação ruim figura 29, não possuem pavimentação ou estão em um nível de degradação muito elevado, a ponto de impossibilitar o circulação de pedestres e cadeirantes.

Figura 27 - Calçadas estado bom e acessível



Fonte: autor 2017

Figura 28 - calçadas em estado regular de conservação



Fonte: autor 2017

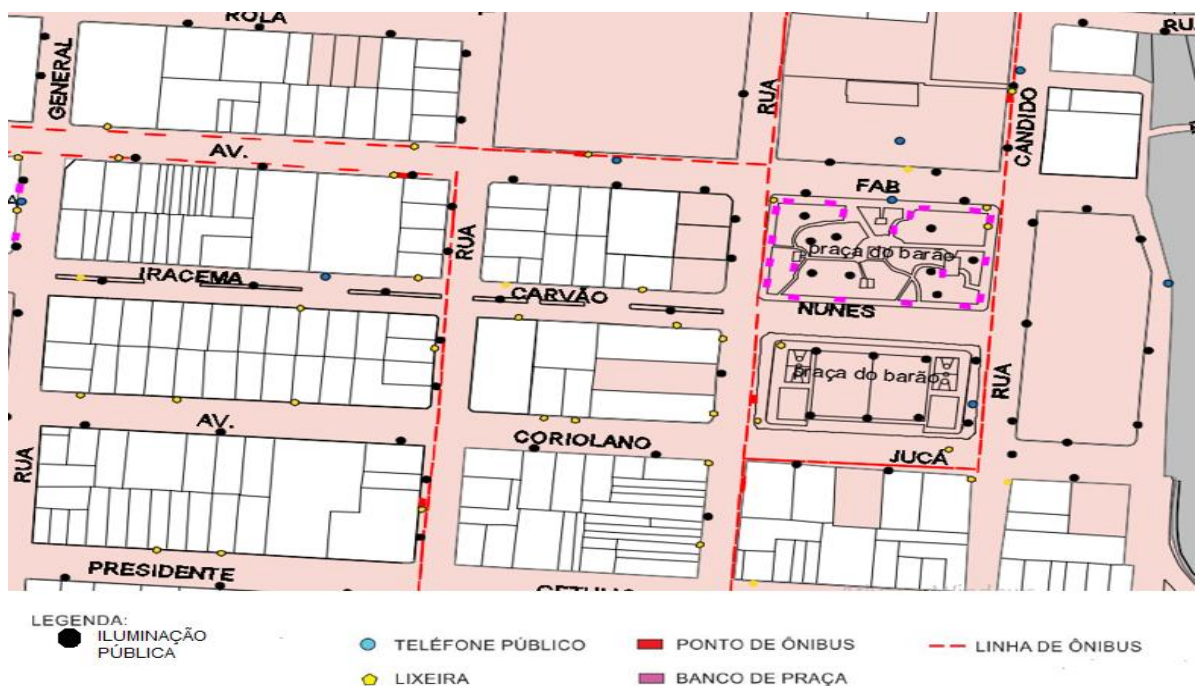
Figura 29 - calçada com estado de conservação ruim



Fonte: autor 2017

O mobiliário urbano, de acordo com o mapa da figura 30, em maior quantidade nesta área da cidade são os postes, lixeiras mas nem todas as residências possuem. Foram constatadas regular quantidade de lixeiras públicas, mas que são de tamanho pequeno, servindo apenas para o depósito de lixo que é descartado pelos transeuntes.

Figura 30- Mobiliário Urbano no entorno da praça do barão, Macapá



Fonte: PMM, adaptado pelo autor, 2017

Há um ponto de ônibus localizado no setor sul da praça figura 31, na Rua São José próximo ao prédio dos correios e em frente ao edifício calha norte e mais três nas proximidades, Possuem cobertura e assento e atendem a linha de ônibus que, dentro do perímetro em estudo, percorre a, Rua Candido Mendes, a Avenida Coriolano Jucá, a Rua São José e a Avenida FAB.

Constata-se que há praça contem 20 bancos em concreto figura 32, mas no seu entorno há outras praças com um número razoável de bancos, no setor norte da praça figura 33, e no seu entorno existem quatro telefones públicos.

Figura 31- Ponto de ônibus localizado no setor sul da praça na Rua São José



Fonte: autor 2017

Figura 32- bancos em concreto praça Barão do Rio Branco



Fonte: autor 2017

Figura 33- telefones públicos praça Barão do Rio Branco



Fonte: autor 2017

A praça e o seu entorno apresentam todas as vias iluminadas, em visita realizada a noite foi constatado a falta de iluminação em vários trechos da praça e das vias de circulação do entorno. O mapa da figura 30, reúne estas informações que foram coletadas em campo durante visitas à noite. Em geral Os mobiliários urbanos identificados no bairro foram Telefones Públicos, sem funcionamento, em mal estado de conservação e uso, rede de posteamento desorganizada figura 34, e sem planejamento, abastecimento de água e rede de esgoto precária, número insuficiente de lixeiras públicas e residenciais, figura 35, causando o acúmulo de lixo na praça e seu entorno.

Figura 34- rede de posteamento no entorno da Praça Barão do Rio Branco



Fonte: autor 2017

Figura 35- lixeiras públicas e residenciais, no entorno da praça do Barão



Fonte: autor 2017

3.3.3. Arborização

De acordo com Mascaró (2002, p.13) como elementos da estrutura urbana, as árvores, em termos de aspectos paisagísticos, proporcionam embelezamento, direcionamento, identidade e delimitação de espaços. Em termos ambientais, as árvores urbanas contribuem para a redução da erosão; para o controle do clima e economia de energia com o sombreamento, a redução da temperatura, a retenção da água no solo, o aumento da umidade relativa do ar e a canalização ou obstrução dos ventos; e para o controle da poluição com a amenização de ruídos e da poluição atmosférica.

A arborização urbana no setor central e nas áreas mais próximas, Figura 36 e 37 é abundante na sua maioria é composta por mangueiras e alguns pés de jambeiro. Há implantação de árvores nas calçadas, tem danificado a estrutura das mesmas e a fiação da rede elétrica. O IBAMA (2008) reforça a ideia dizendo que apesar das áreas verdes majoritariamente serem desenhadas para a recreação e aumentarem o valor estético de um local, sua utilidade excede amplamente estas funções.

Figura 36 – Arborização das vias da área de estudo



Fonte: PMM, adaptado pelo autor, 2017

Figura 37 – Arborização da praça e do entorno imediato.



PRAÇA BARÃO DO RIO BRANCO

Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor, 2017.

O entorno imediato e a praça são bem arborizados, Figura 38 e 39, a maior concentração de árvores está em cima de onde ainda se preserva o traçado original da cidade. Na praça a maior concentração de árvores está no setor norte. No setor sul da praça, entretanto, as árvores estão localizadas apenas na calçada, tornando o centro desta parte da praça árido.

Figura 38 – arborização entorno imediato

Fonte: autor 2017

Figura 39 – arborização interna setor norte

Fonte: autor 2017

No setor sul da praça, onde estão localizadas as quadras de esporte figura 40, as árvores estão localizadas apenas na calçada, tornando o centro deste lado da praça árido.

Figura 40 – Setor esportivo, carente de arborização

Fonte: autor 2017

O relevo da praça em estudo possui duas declividades principais o setor sul da praça onde estão localizadas as quadras de esporte é relativamente plano, já o setor norte onde está localizado o setor de contemplação concentra a maioria da arborização, composta por mangueiras de grande porte, está em nível mais elevado

cerca de um metro e meio em relação ao setor sul e o seu entorno imediato (figura 41).

Figura 41 – setor contemplativo lado oeste 1.50 m de elevação



Fonte: autor 2017

3.3.4. Usos e Gabarito

Constatou-se durante as visitas que as áreas comerciais tendem a ser menos movimentadas durante a noite, mas nas vias que possuem predominantemente o uso habitacional é possível encontrar pessoas conversando nas calçadas.

Com diversas praças neste perímetro de estudo, há grandes áreas de espaço público. Nas quadras habitacionais, as edificações localizam-se próximas ao logradouro e geralmente possuem quintais, dando às quadras uma forma edificada com um espaço aberto – porém privado – no centro. Nas quadras essencialmente comerciais há pouca permeabilidade do solo, o que pode ocasionar a insalubridade destas áreas. Nos lotes onde funcionam os serviços públicos e as edificações institucionais, o tamanho dos lotes e as áreas livres são maiores que os demais, como ilustra o mapa da (figura 42).

Figura 42 – Mapa de Uso e Ocupação do entorno da Praça do Rio Branco



Fonte: PMM, adaptado pelo autor, 2017

A praça Barão do Rio Branco por estar inserido na área de origem da cidade de Macapá, atualmente em seu entorno, estão localizados os principais órgãos públicos e administrativos da cidade, a maioria dos bancos e também a principal área comercial da cidade, o fluxo de carros particulares é intenso assim como o de coletivos, todas as linhas de ônibus de Macapá passam na avenida FAB principal eixo que liga as zonas norte e sul, as ruas de seu entorno são na sua maioria assim como as praças arborizadas ajudando a amenizar a alta sensação térmica nesta região. Fato este verificado na figura 43. A área é formada pelo retângulo das Ruas São José, e Cândido Mendes e as Avenidas FAB, Coriolano Jucá e Iracema Calvão Nunes, que divide a praça ao meio formando dois retângulos.

Nesta região de dia é muito movimentado, mas à noite é quase deserto, ficando a movimentação de pessoas concentradas no lado sul da praça Barão do Rio Branco, devido à prática de esportes nas quadras de futebol de campo e de salão concentradas neste setor.

Figura 43- Imagem de Satélite, em vermelho praça Barão do Rio Branco



Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor, 2017.

LEGENDA

1. Área da Escola Barão do Rio Branco;

2. Lugares públicos de esporte e lazer: 2.1 Praça Barão do Rio Branco, 2.2 Praça da Beira Rio, 2.3 Ginásio Avertino Ramos;

3. Residências: 3.1 no bairro Central e 3.2 bairro Perpetuo Socorro;

4. Casa do Governador;

5. Instituições Públicas: 5.1 Escola Antônio Pontes na Av. FAB, 5.2 Centro de Reabilitação na Rua São José a noroeste da área de intervenção, 5.3 Escola Emilio Médici e 5.4 Rádio Difusora na parte nordeste da área de intervenção, 5.5 Secretaria Estadual da Fazenda, 5.6 Superfacil na parte de traz da área de intervenção, 5.7 Prédio do Correio localizado ao sul da área de intervenção.

6. Áreas comerciais: 6.1 Shopping do Amazonas Importado, 6.2 Restaurantes, 6.3 lojas de confecções.

A altura das edificações nesta área varia de 4 a 14 metros. Predominantemente, as edificações são térreas de até 5 metros. A segunda maior ocorrência é de edificações de 2 a 3 pavimentos e poucas edificações com 4 ou mais pavimentos. Há um edifício localizado na orla que, irregularmente, tem 4 pavimentos, ou seja, mais do que o permitido pelo Plano Diretor Municipal para esta zona. No mapa da figura 44, estão demonstradas as alturas das edificações Baixa altimetria, mas sofrendo pressão pela verticalização.

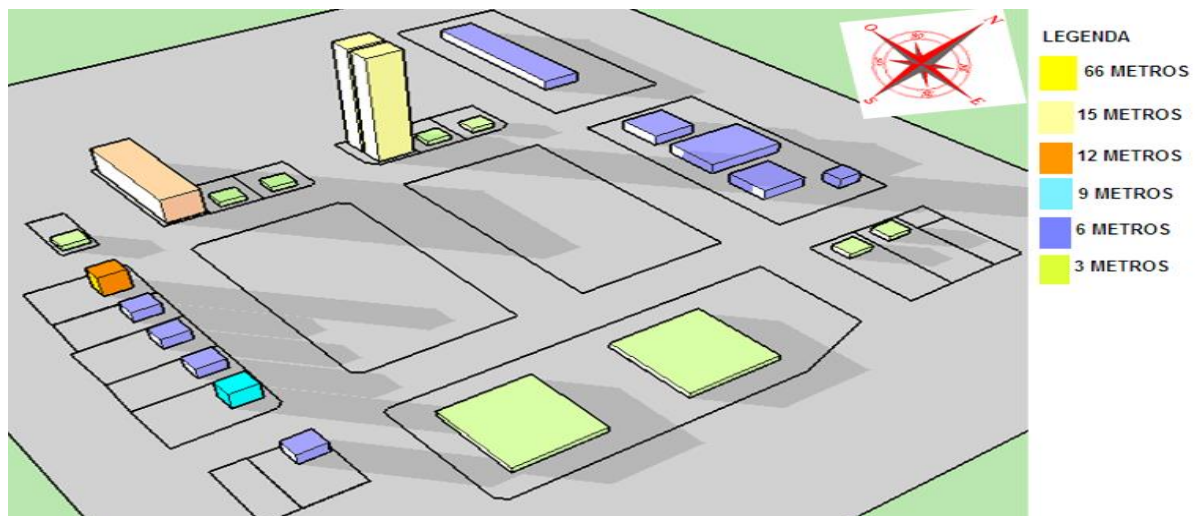
Figura 44- Mapa de Gabarito do entorno da Praça do Rio Branco



Fonte: PMM, adaptado pelo autor, 2017

A altura das edificações no entorno imediato e´ demonstrado na figura 45 abaixo, a maioria das edificações em azul de dois pavimentos e em verde claro de um pavimento são da época que o Amapá era território. As duas edificações mais altas Com duas tores o edifício residencial calha norte em amarelo com 22 pavimentos e o prédio comercial da amazonas importados com 5 pavimentos em rosa claro.

Figura 45- Gabarito e sombreamento do entorno imediato da Praça Barão do Rio Branco sombreamento dia 19/11/2017 as 14:30 horas



Fonte: autor, 2017

A área de estudo deste trabalho, como já foi citado anteriormente, é chamada pela população da cidade de Praça do Barão. Possui grande potencialidade turística e de lazer e por ser uma das áreas mais antigas da cidade e

ter uma proximidade com rio Amazonas, e considerada elemento de forte identidade para a população macapaense.

A parte Sul que é movimentada e tem atrativos esportivos é ocupada apenas por quadras. A parte Norte da praça é arborizada mas cria apenas um espaço contemplativo, o traçado dos caminhos originais é orgânico (talvez por respeitar a topografia), mas confuso nos fluxos dos pedestres. O caminho tortuoso do traçado possibilita o estar, entretanto, repele o fluxo de passagem que querendo atravessar mais rapidamente, não acessa a parte interior do Setor Norte da Praça. Da mesma forma a parte Sul, também repele o fluxo de passagem pelas quadras tornarem-se barreiras, não existindo caminhos. A maior parte do fluxo de passagem concentra-se na calçada de contorno da praça, ficando a margem do interior. A parte interna deixa de ser convidativa a outros usos que não os específicos demais: ou contemplação (estar) ou esporte (lazer para público específico; futebol, vôlei, basquete). O uso intenso da calçada é mais intensificado pelo ponto de ônibus, e ponto de moto-taxi figura 46, que inclusive atrai pequenos comerciantes ambulantes. Outro aspecto que reforça a questão do fechamento interno a passagem e uso da parte sul da praça é que durante a noite, os “quiosques de hambúrguer” em frente aos correios figura 47, tem grande movimento, mas eles são virados para rua, dando as costas para parte interna da praça.

Figura 46- uso intenso junto a parada de ônibus e ponto de moto táxi



Fonte: autor, 2017

Figura 47- quiosque de hambúrgueres, virado para a rua na praça Barão do Rio Branco



Fonte: autor, 2017

IV. PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO URBANA DA PRAÇA

4.1. ASPECTOS GERAIS

A concepção desta proposta de revitalização da praça Barão do Rio Branco tem como base todos os estudos demonstrados acima, o entendimento sobre espaços livres e públicos, praças e principalmente o contexto em que está inserida a área de estudo.

Dessa forma, definiu-se os elementos essenciais para a proposta, aqui descritos em forma de diretrizes projetuais:

- Manter o traçado antigo existente no lado Norte (setor contemplativo) e implantar playground e mesas de jogos para terceira idade, atraindo novos frequentadores para este espaço.
- Restaurar a originalidade da praça suprimindo a avenida que divide a mesma em dois blocos distintos, formando uma barreira visual.
- Diversificar as atividades no setor sul da praça com a inclusão de novos equipamentos para assim atender vários públicos.
- Estimular a utilização dos espaços pela população em diferentes dias e horários por meio de uma proposta que promova multiplicidade de usos, a partir da revitalização das áreas existentes, tornando-as capazes de atender os públicos de todas as idades;
- Privilegiar o pedestre a uso da acessibilidade universal através do tratamento dos passeios, em acordo com a NBR 9050, e da adoção de soluções que tornam o espaço do automóvel secundário;
- Proporcionar adequadas áreas verdes, a fim de estimular o contato dos usuários com a natureza e minimizar os efeitos da insolação direta na área; principalmente no setor sul.
- Promover a cultura local e comércio de *food truck*.

A partir das diretrizes citadas, o programa de necessidades foi definido, levando em conta, também, que os usos já existentes (quadra poliesportiva, campo de futebol, e playground, venda de lanches e comidas regionais,) deveriam ser mantidos, mas sendo melhorados significativamente.

4.2. PROGRAMA DE NECESSIDADES

Segundo Waterman (2010, p. 146) o programa de necessidades é a descrição inicial do problema de projeto que define os parâmetros dentro dos quais o profissional de arquitetura, urbanismo ou paisagismo deverá trabalhar.

Assim, será feita a reunião das necessidades sociais e funcionais obtidas através da avaliação da atual situação da referida área e seu entorno para desenvolver a Revitalização da Praça Barão do Rio Branco, acessibilidade dentro dos preceitos da acessibilidade, sustentabilidade, socioambiental e da viabilidade técnico-econômica.

A sim sendo, o Programa de Necessidades será composto da seguinte forma:

Setor lazer ativo:

- Academia ao ar Livre; (01 unidade)
- Campo de futebol com grama sintética e cerca de Proteção; (01 unidade)
- Quadra poliesportiva com cerca de Proteção (02 unidade)
- Fonte seca interativa; (01 unidade)
- Implantação de parada de ônibus adequada;(01 unidade);
- Guarita de vigilância com banheiro para a guarda municipal;(01 unidade)
- Banheiro público;(01 unidade)
- Arborização adequada
- Bancos de concreto e madeira
- Bicicletário
- Lixeiras públicas

Setor de Contemplação:

- Playground infantil ;(01 unidade)
- Área contendo mesas com jogos para terceira idade; (01unidade).
- Bancos de concreto e madeira;
- Passeios públicos do entorno, calçamento interno;
- Estacionamentos para carros e motocicletas; bicicletário;
- Arborização adequada;
- Implantação de lixeiras públicas;

Setor comercial:

- Quiosque (Lanchonete); (01 unidade)
- A via central destinada diversos usos: feiras de barracas itinerantes, carrinhos de lanche, etc. e food truck

Paisagismo: literatura consultada Guia 1988.

- Gramíneas

Grama são Carlos, grama amendoim

Figura 48- Grama são Carlos



Figura 49- grama amendoim



Fonte: Guia 1988.

- Arbustos

Onze horas, ixora, durante, alamanda

Figura 50- onze horas



Figura 51-ixora



Figura52-duranta



Figura 53- alamanda



Fonte: Guia 1988.

- Trepadeira para o pergolado

Figura 54- Ipomeia- rubra



Fonte: Guia 1988.

- Arborização médio e grande porte

Figura 55- mangueira



Figura 56-oitizeiro



Figura 57- morcegueira



Figura 58-chuva de ouro



Figura 59- ipê amarelo



Figura 60- ipê roxo,



Figura 61-saboneteira



Figura 62- açazeiro



Fonte: Guia 1988.

- Arborização pequeno porte

Figura 63-ipê- de – jardim



Figura 64-pata de vaca



Fonte: Guia 1988.

Piso e Paginação

- Placa permeável drenante em concreto poroso 60x60x08 cm - Cód. PD404006

Figura 65- placas cimentícias permeáveis



Fonte: oterprem

- Desenhos(grafismos) da cultura maracá-cunanins: criados desenhos maracá-cunanins na paginação das calçadas de entorno e piso interno, valorizando também a cultura amapaense.

Figura 66- grafismos indígenas maracá e cunani

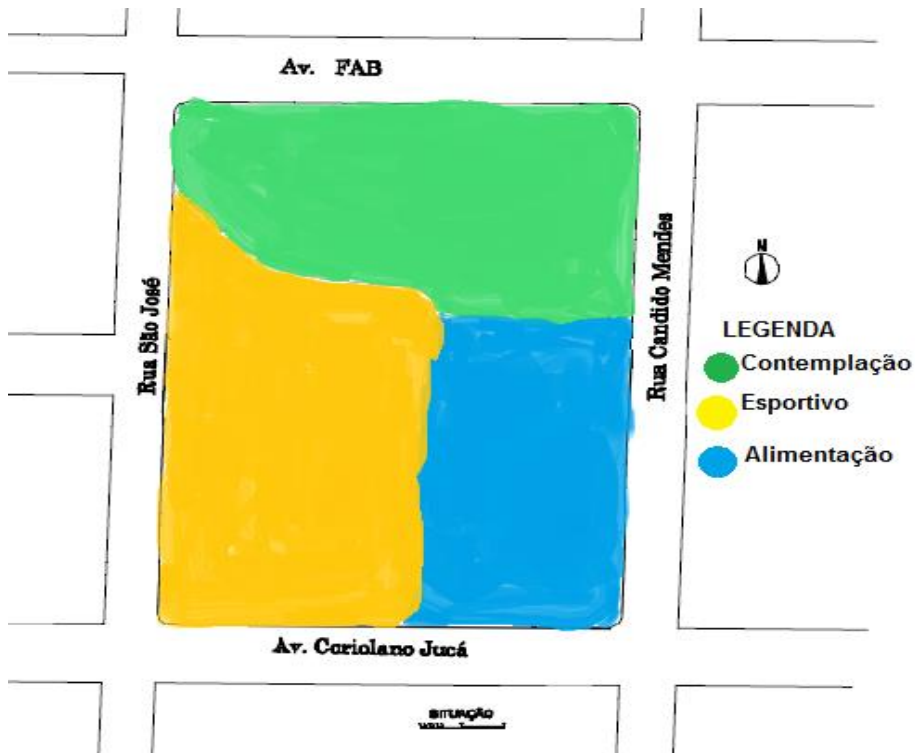


Fonte:blogspot maraca e cunani

4.3. ESTUDO DE MANCHAS

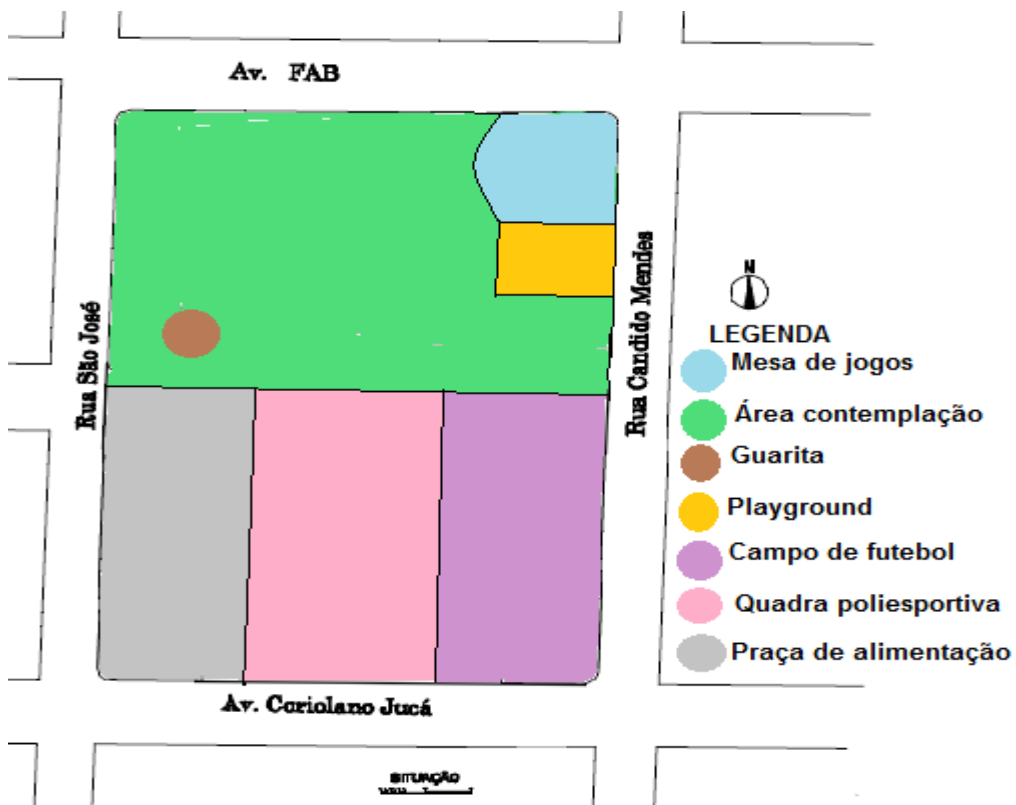
O zoneamento da proposta teve como motivação a reorganização dos usos. Atualmente, a praça possui um arranjo espacial aleatório, os equipamentos não conversam com o entorno. Sendo assim, buscou-se compatibilizar os usos internos com os externos.

Figura 67 – Estudo iniciais de manchas setorização



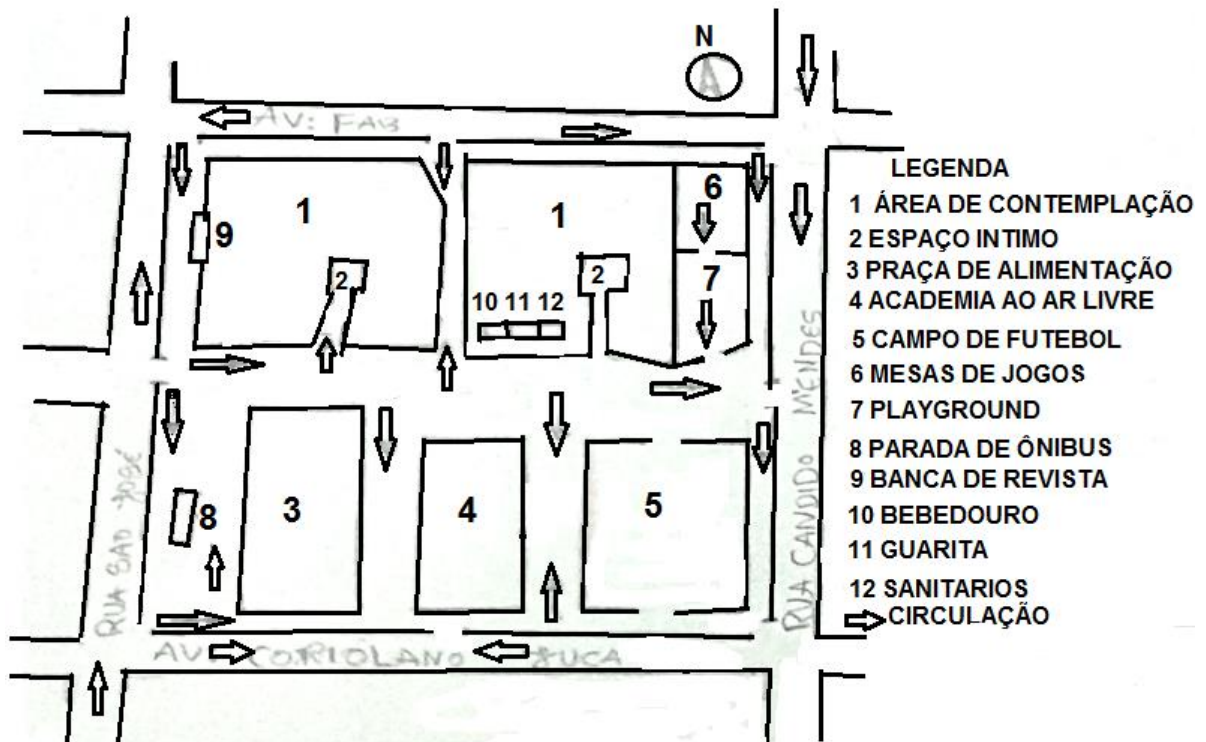
Fonte: autor 2017

Figura 68 – Croqui inicial de setorização dos equipamentos



Fonte: autor 2017

Figura 69 – Croqui de setorização intermediária dos equipamentos



Fonte: autor 2017

4.4. DESCRIÇÃO DAS SOLUÇÕES PROPOSTAS

Com o reconhecimento da situação apresentada, as soluções traçadas orientam para a proposta urbanística e arquitetônica que complementa esse trabalho.

Dessa maneira, será suprimido(1) um campo de futebol e (2) duas das quatro quadras de concreto, sendo implantado no projeto (2) duas quadras poliesportivas e um campo de futebol que passam a estar lado a lado, conjugando naquela área os esportes mais ativos, também na área das quadras e campo suprimidos para atrair outros públicos será implantado um quiosque, uma fonte interativa seca, que quando não estiver em uso servirá de espaço para feiras e outros eventos, uma academia ao ar livre, bicicletário os esportes mais ativos. O playground foi implantado na área de contemplação próximo à escola Barão do Rio Branco que é vizinha à praça, até como incentivo para as crianças se envolverem mais com o espaço público, e para contemplar o público da terceira idade foi implantado no setor de contemplação mesas para jogos por ser um lugar de pouco movimento, será feito melhoramento e ampliação da parada de ônibus por se um

local bastante frequentado, a praça será contemplada com espaço para feiras e eventos culturais.

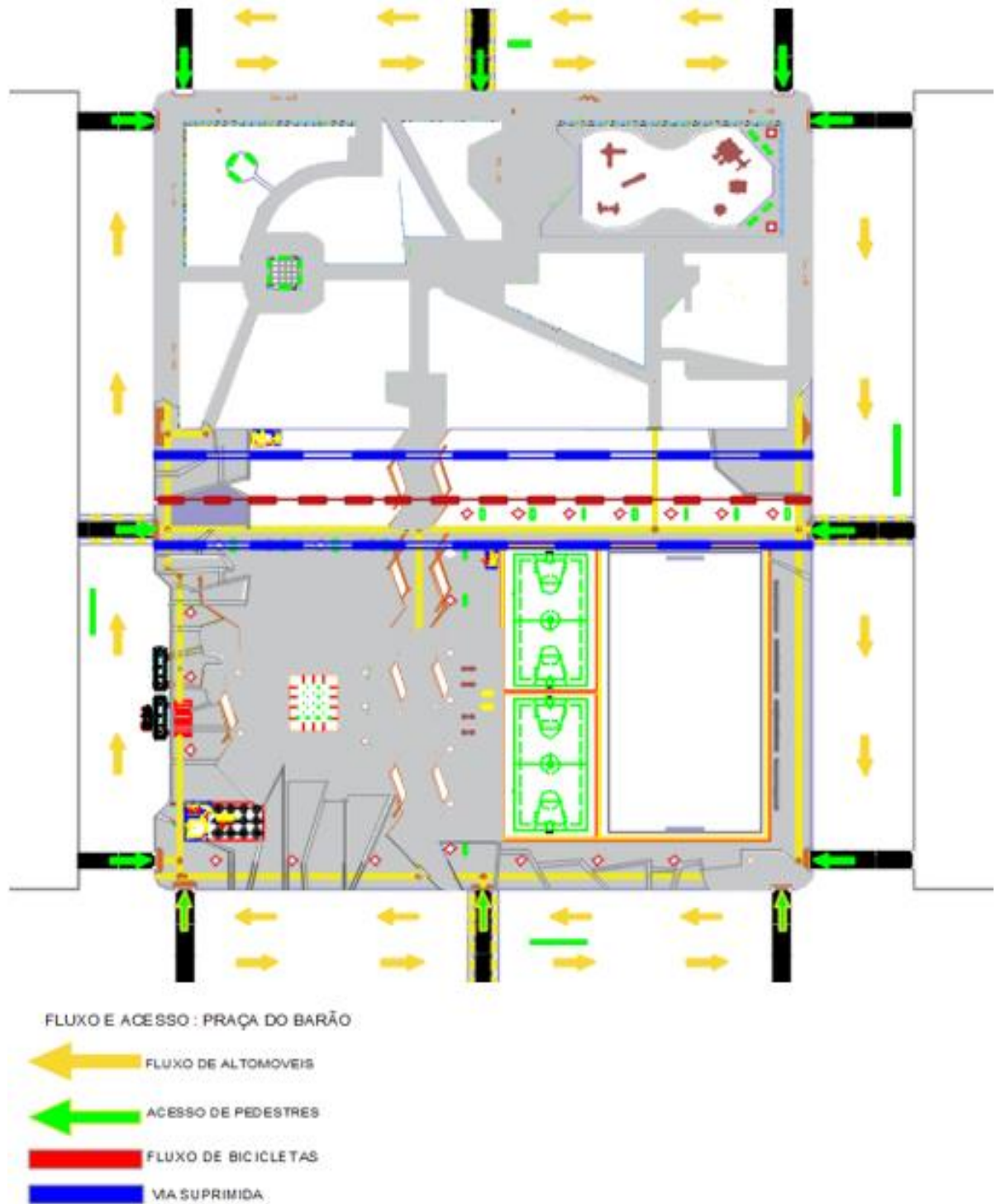
Seque abaixo a setorização do projeto com layout figura 40, de fluxos e acessos figura 41, e de permeabilização do solo figura 42.

Figura 70- setorização da proposta de revitalização da praça Barão do Rio Branco



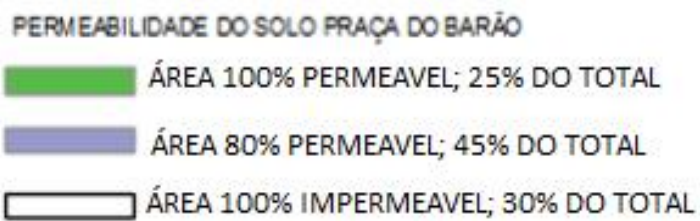
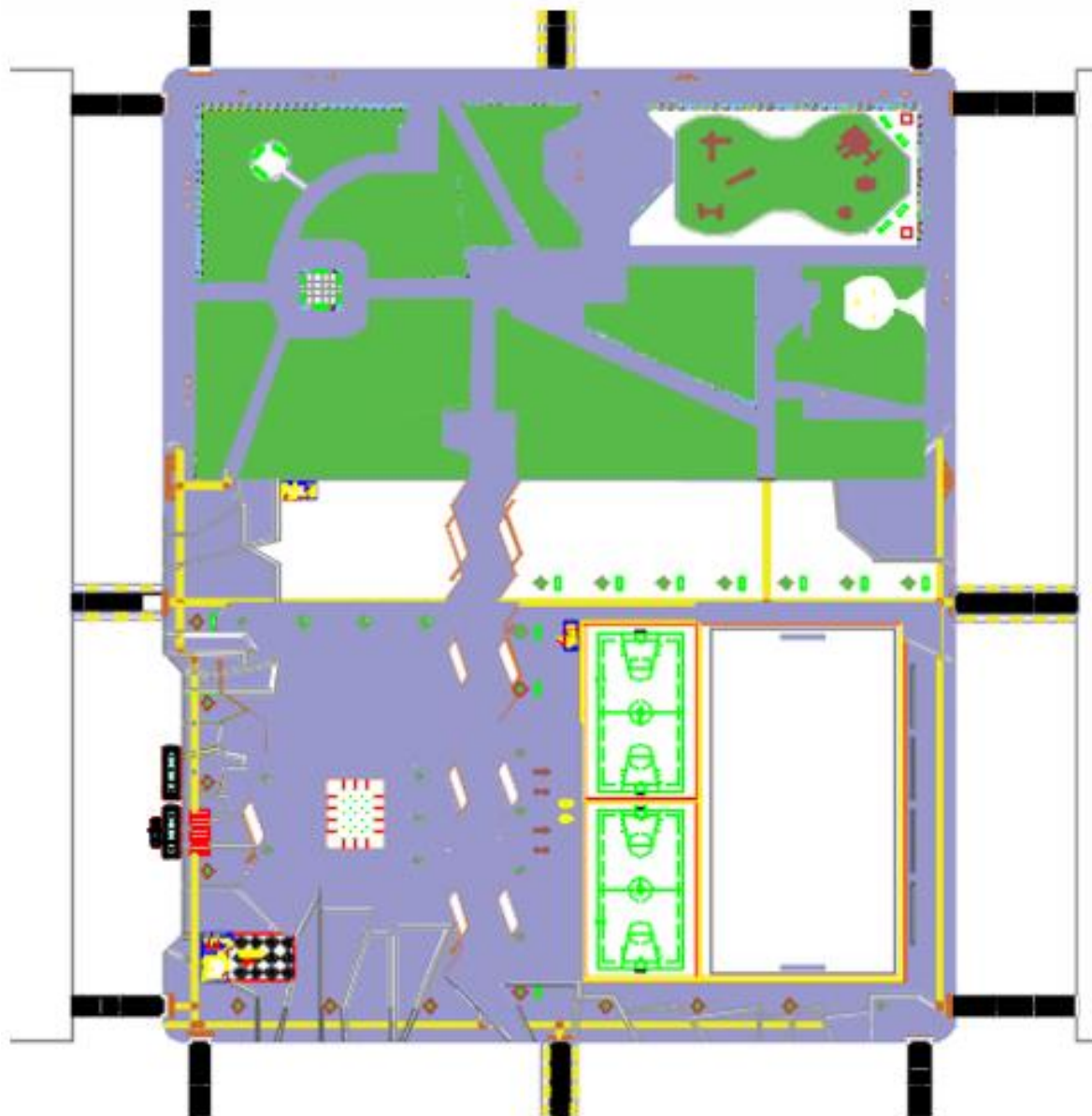
Fonte: autor 2017

Figura 71-fluxos e acessos da proposta de revitalização da Praça Barão do Rio Branco



Fonte: autor 2017

Figura- 72 permeabilização do solo da proposta de revitalização da praça do Barão



Fonte: autor 2017

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de Revitalização da Praça Barão do Rio Branco visa principalmente resgatar a função de um espaço público aberto, que está inserido no Centro Histórico da cidade de Macapá. A proposta aqui apresentada define áreas precisas para as funções recreativas, contemplativas, culturais e de serviços. Espera-se com isso ter contribuído para tornar este pequeno recorte de cidade, um local de vivência privilegiado e que ofereça mais do que um equipamento urbano, mais um espaço que possa ser considerado um marco ou referencial local de um trecho urbano.

A conceituação dos temas aprofundados nessa pesquisa – paisagem urbana, revitalização urbana, espaços livres públicos, praças públicas, projeto urbano, praças brasileiras, permitiu a compreensão da situação atual, dos fatores que contribuem para a subutilização das praças públicas e da sua apropriação pelos usuários.

O conhecimento do contexto urbano no qual a praça está inserida permitiu uma pré-configuração da pesquisa do usuário e da praça analisada.

Espera-se com esta pesquisa ter ampliado as informações a respeito da situação atual da praça em estudo incentivando os profissionais da área e órgãos responsáveis a mobilizarem-se em direção da reformulação desse espaço público. Almeja-se assim uma maior apropriação dos usuários em outros espaços públicos da cidade de Macapá que satisfaçam suas reais necessidades.

Através das informações obtidas durante a investigação de campo associada a revisão de literatura, pode-se estabelecer parâmetros referentes a promoção de uma maior apropriação da Praça Barão do Rio Branco. Esses parâmetros dizem respeito as melhorias com relação aos aspectos analisados na pesquisa de campo: físico-ambiental, funcional, acessibilidade, mobiliário, equipamentos e serviços.

De forma geral, os problemas constatados durante a investigação de campo com os usuários e ou que trabalham no estorno relaciona-se prioritariamente, com a falta de manutenção, arborização insuficiente no setor sul da praça, de mobiliário(bancos) sem cobertura vegetal ou falta dele no lado sul da praça, insegurança, e falta de espaços atrativos e restrições de acessos. Reforça-se assim,

que as premissas do projeto norteiam-se na melhoria da apropriação do espaços da praça, que conforme demonstrado nas análises é atualmente condensado em poucas áreas.

Entretanto, não são suficientes para atender a todas as necessidades descritas no local, pois o lugar necessita de intervenções que vão além dos aspectos físicos. É preciso a contribuição de outras políticas públicas tais como, policiamento efetivo da Guarda Municipal, manutenção adequada e mais frequente da praça para evitar deterioração física e dos equipamentos. Sendo a praça Barão do Rio Branco um lugar de grande potencial turístico, econômico, paisagístico, cultural, é oportuna, a criação de um projeto que promova a revitalização da mesma, que valorize a identidade local contribuindo para que vários grupos sociais usufruam do local e dos equipamentos que serão implantados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A face urbana do Amapá.** Jornal A Gazeta do Amapá, Macapá, Jan. 2011a. Disponível em: <<http://josealbertostes.blogspot.com/2011/02/evolucao-urbana-da-cidade-de-macapa.html>>
- ALEX, Sun. **Projeto da Praça:** Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Senac, 2008.
- ALVES, A.F.A. **A Cidade.** São Paulo: Contexto, 2010, Série Repensando a Arquitetura. 5ª ed.
- ARAÚJO, Renata M. **As cidades da Amazônia no século XVIII:** Belém, Macapá Mazagão. 2 ed. Porto: Faculdade de Arquitetura do Porto, 1998, p. 154
- CABRAL, F. Caldeira. **Fundamentos da Arquitetura Paisagista.** Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa, 1993.
- CARLOS, Ana Fanni A. **A cidade.** 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____ **A (Re) produção do espaço urbano.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- CARTILHA da arborização urbana;** Porto Alegre, cidade das árvores. Porto Alegre Alegre, 2002.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007. (Todas as artes).
- COSTA, Ana Cynthia Sampaio da. **Igarapé das mulheres: uma proposta de reabilitação urbana** / Ana Cynthia Sampaio da Costa. – Santana: UNIFAP, 2015. 99 f.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana.** Rio de Janeiro, Edições 70, 1971
- Evolução urbana da cidade de Macapá através do Plano Urbanístico da Grumbilf do Brasil,** Macapá, 03 fev. 2011b. Disponível em: <<http://josealbertostes.blogspot.com/2011/02/evolucao-urbana-da-cidade-de-macapa.html>>. Acesso em: 06 jul. 2011.
- FERREIRA, Inês Caetano. Encontros e Desencontros de Moradores da Favela no Espaço Social Segregado – Um Estudo Sobre As Relações Sociais Cotidianas Nos Espaços Privatizados. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais.** v.7, n.2, 2005, pp. 9-26.
- FONTELES, J. O. Comunidade de pescadores de Jericoacoara-Ceará entra na rota turística. In: Vasconcelos, F. P. (org.). Turismo e Meio Ambiente. Fortaleza: Editora FUNECE/Univ. Est. do Ceará, 1999.

HERTZBERGER, Herman. ***Lições de Arquitetura***. São Paulo, Martins Fontes. 1999

LAMAS, José M. Ressano Garcia. ***Morfologia Urbana e Desenho da Cidade***. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LEFEVBRE. A. ***O direito a cidade***. São Paulo: Unicamp, 1991

MACAPÁ, Prefeitura Municipal. ***Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Macapá***. Macapá: PMM, 2004.

MASCARÓ, L; MASCARÓ, J. ***Vegetação urbana***. 1.ed. Porto Alegre: UFRGS FINEP, 2002.

_____. ***Vegetação urbana***. 2.ed. Porto Alegre: Mais Quatro editora, 2005.

MANUAL de arborização. Belo Horizonte: CENTRAIS ELÉTRICAS DE MINA, 2012.

MOREIRA, Maria da Graça Santos Antunes. ***Requalificação Urbana – Alguns conceitos básicos***. CEFA (Centro Editorial da Faculdade de Arquitectura) + CIAUD (Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design),, p. 117-118; 124, 2007. Disponível em: <<http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/1802>>

NUNES, Janary. ***Relatório das atividades do Governo do Território Federal do Amapá*** - 1944. Rio de Janeiro, 1946.

OLIVEIRA, José Aldemir. ***Cidades, rede urbana e desenvolvimento na Amazônia dos grandes rios***. 3 Ed. São Paulo: Contemporânea, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACAPÁ. ***Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Macapá***. PMM, 2004.

RIBEIRO SILVA, Ana Marina. ***Requalificação Urbana - O exemplo da intervenção Polis em Leiria***. Dissertação de Mestrado em Geografia. Faculdade De Letras Universidade De Coimbra, 2011.

RIBEIRO. S. S. ***Ressacas no município de Macapá e suas interações***, 1996. (texto editado pela Sema) p. 96

REIS FILHO, Nestor Goulart. ***Quadro da Arquitetura no Brasil***. São Paulo, Perspectiva, 1970.

ROBBA, Fábio e MACEDO, Sílvio Soares. ***Praças Brasileiras***. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

ROLNIK, Raquel. Planejamento Urbano nos Anos 90: novas perspectivas para velhos temas. In: RIBEIRO, Luís César de Queiroz; SANTOS JR., Orlando Alves dos. (Org). ***Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana***: o futuro das cidades brasileiras na crise. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 351-360.

SANTOS, Milton. ***A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*** / 4. Ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

_____ ***Pensando o Espaço do Homem***. São Paulo: Edusp, 2004.

_____ ***Guerra dos lugares***. São Paulo: Folha de São Paulo, Caderno Mais, 8/8/1999.

SENNETT, Richard. ***O declínio do homem público***. São Paulo, Companhia Das Letras, 1974, p. 30.

SEGAWA, Hugo. ***Ao amor do público: jardins no Brasil***. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996.

SERPA, Ângelo. ***O espaço público na cidade contemporânea***. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Maura Leal da. ***A (onto)gênese da nação nas margens do território nacional***: “o projeto janarista territorial para o Amapá (1944-1956)”. 2007. 179 p. Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

TAVARES, J.P.N. Influência da zona de convergência intertropical na variabilidade da precipitação em Macapá-AP, Brasil. ***Caminhos de Geografia***, v.9, n.29, p.58-70, 2009.

TRINDADE JR, Saint Clair Cordeiro da. ***Faces da urbanização na fronteira***: a dinâmica metropolitana de Belém no contexto da urbanização amazônica. In: ***Experimental***. n. 4/5, p. 71-89, setembro, 2003.

TOSTES, José Alberto. ***Planos diretores do estado do Amapá***: uma contribuição para o desenvolvimento regional. Série Arquitetura e Urbanismo na Amazônia. Macapá-AP, Tostes, 2006.

VARGAS, Heliana Comim, CASTILHO; Ana Luisa Howard de. ***Intervenções em centros urbanos***: objetivos e resultados. Barueri, SP: Manoele, 2006.

VAZ, Lilian Fessler; SILVEIRA, Carmen Beatriz. ***Áreas centrais, projetos urbanísticos e vazios urbanos***. Revista Território. Rio de Janeiro, ano IV, nº 7. p. 51-66. jul./dez. 1999

SERPA, Ângelo. ***O espaço público na cidade contemporânea***. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

<http://www.archdaily.com.br/br/762181/>
acessado 15 dezembro 2017

<http://viveiroestrada.com.br/wp-content/uploads>, acessado em 17 de dezembro 2017

APÊNDICE

**APÊNDICE A - PLANTA DE DEMOLIÇÃO/CONSTRUÇÃO
(PRANCHAS ANEXAS)**

APÊNDICE B - PROJETO ARQUITETÔNICO
IMPLANTAÇÃO GERAL DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
(PRANCHAS ANEXAS)

**APÊNDICE C - PROJETO ARQUITETÔNICO
PAISAGISMO E LAYOUT DA ILUMINAÇÃO
(PRANCHAS ANEXAS)**

**APÊNDICE D – PAGINAÇÃO DO PISO E FORAÇÃO
(PRANCHAS ANEXAS)**

**APÊNDICE E – PLANTA DE SINALIZAÇÃO
(PRANCHAS ANEXAS)**

**APÊNDICE F – CONSTRUÇÕES COMPLEMENTARES
(PRANCHAS ANEXAS)**

**APÊNDICE G – BRINQUEDOS DO PLAYGROUND
(PRANCHAS ANEXAS)**

**APÊNDICE H – BRINQUEDOS E MOBILIÁRIO GERAL
(PRANCHAS ANEXAS)**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Elaborado por Mara Patrícia Corrêa Garcia CRB-2/1248

711.5

R696r Rodrigues, Aubérico Cardoso

Revitalização urbana: proposta para a Praça Barão do Rio Branco /
Aubérico Cardoso Rodrigues ; orientadora, Patrícia Helena Turola
Takamatsu. - Macapá, 2018.

78 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Fundação
Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Arquitetura
e Urbanismo.

1. Planejamento urbano. 2. Praça Barão do Rio Branco – Macapá
(AP). 3. Espaços públicos – Macapá (AP). 4. Revitalização urbana. I.
Takamatsu, Patrícia Helena Turola, orientadora. II. Fundação
Universidade Federal do Amapá. III. Título.